

Ensaio fotográfico de Leon Trotsky: da câmara obscura para a câmara clara

Notas por ocasião do lançamento da autobiografia "Minha Vida", de Leon Trotsky - Usina Editorial, 2017.

Paulo César de Carvalho

São Paulo

© Bacamarte Editorial, 2017

Ensaio fotográfico de Leon Trotsky: da câmara obscura para a câmara clara

Imagem da capa: Paulo César Carvalho

Tiragem: 1ª edição - 03 exemplares impressos; disponível em formato eletrônico

Carvalho, Paulo César

Ensaio fotográfico de Leon Trotsky: da câmara obscura para a câmara clara / Paulo César Carvalho. -- São Paulo, 2017. 75 f.

1. Leon Trotsky. 2. Revolução Russa. 3. Trotskismo. 4. "Minha Vida".



Sumário

1 "Minha Vida" de volta | 1 2 Dois Trotsky em um Leon: o escritor e o revolucionário | 2 3 A fronteira entre a "biografia" e a "história" | 4 4 Um retrato sob o "ângulo da verdade" | 5 5 Entre a "realidade" e a "ficção" | 6 6. Os retratos e os negativos: a "câmara clara" e a "câmara escura" | 8 7. Na "câmara clara": o retrato de Serge e a autobiografia de Trotsky | 10 Na "câmara obscura" de Stalin: Trotsky apagado do retrato da revolução | 11 9 Trotsky e a revelação do retrato da "revolução desfigurada" | 13 **10** Sob as lentes de Leon: o retrato da "câmara de extermínio" stalinista | 15 1 1 O "retrato falado" do crime de falsificação: a carta de defesa de Leon | 17 12 No princípio era o nome; depois foi a foto: nasceu a "falsificação" | 19 13 O retrato de Trotsky depois da morte de Lenin | 21

14 A pose de Stalin no retrato fabricado da Revolução | 26

- 15 Josef Stalin não estava no retrato de Outubro | 28
- **16.** A fabricação do "trotskismo" pela "Agência Stalin" | 32
- 17_ A foto do grande mágico Stalin no cartaz do "Circo de Moscou" | 36
- 18 O retrato da "múmia" na câmara do "coveiro da revolução" | 39
- 19. O retrato de Outubro na câmara da "verdade" de Reed | 43
- 20. Os "retoques" do posfácio da "Agência Stalin" nos "retratos" de Lenin e Trotsky: outros "10 dias que abalaram o mundo" | 48
- 21. O confronto do posfácio stalinista com os prefácios de Reed, Lenin e Krupskaia nos"10 dias que abalaram o mundo" | 50

Anexo #1: Autoexame de Trostki é um romance de formação, por Aurora Fornoni

Bernardini | O Estado de São Paulo, caderno "Aliás", 15 de outubro de 2017 | 57

Anexo #2: Trostky por Trotsky - nos cem anos da Revolução Russa, autobiografia de Trotsky, "Minha Vida", ganha nova tradução, por Bernardo Boris Vargaftig, Henrique Canary e Paulo César Carvalho | Revista Caros Amigos, outubro de 2017 | 62

"Este livro conta a história de um homem, não a da Revolução Russa. Acontece que o homem está a tal ponto inserido no acontecimento, que é dele inseparável" l "Vida e morte de Trotsky", Victor Serge, Editora Ensaio, São Paulo, 1992, p.59.

1 "Minha Vida" de volta

Em 30 de setembro, na véspera do outubro em que se comemora o centenário da Revolução Russa, a "Usina Editorial" inaugura seus trabalhos com o lançamento da autobiografia "Minha Vida", de Leon Trotsky. Traduzida por Boris Vargaftig, a publicação conta com mais de 500 notas, preparadas com rigorosa pesquisa pelo historiador Henrique Canary. Para sublinhar a relevância editorial dessa empreitada, é importante lembrar que a outra tradução em língua portuguesa é a pioneira, de 1943, feita por Lívio Xavier (que fez parte da primeira geração do trotskismo no Brasil, junto com Mário Pedrosa). A nova edição torna o texto mais ágil, deixando a leitura mais saborosa: além disso, as notas explicativas evitam que muitas informações importantes se percam, por desconhecimento dos diversos nomes e fatos citados ao longo das mais de 600 páginas. A contextualização histórica, assim, cumpre um papel fundamental para a fluência e a fruição da narrativa: sem desprezar o aspecto "recreativo" da leitura, esta versão ajusta o foco para que o leitor possa enxergar melhor o caráter político do texto. É claro (com a licença do trocadilho) que isso tudo pressupõe um livro bem escrito, com uma trama envolvente, um enredo bem articulado e, obviamente, uma grande personagem. Em "Minha Vida", Trotsky é este lastro de segurança que "ata as duas pontas" da história: tanto como o escritor que domina o ofício, quanto como o "herói" que vive e morre pela revolução. A propósito, em defesa dessas simultâneas qualidades literárias e revolucionárias de Leon (não à toa, apelidado de "O Pena" nos círculos de militância política, onde se destacou também como exímio orador), François Mauriac (Nobel de Literatura em 1952) escreveu a sua versão do "retrato do artista quando Trotsky":

"Literato de nascença, à medida que ele cresce, o adolescente não se torna o pequeno Rastignac que todos conhecemos. Não deseja sequer fazer carreira na revolução e pela revolução. Quer mudar o mundo, simplesmente" ("Viva!", Patrick Deville, editora 34, São Paulo, 2016, p. 122).

Só para esclarecer a sutileza da referência, "Rastignac" é personagem da "Comédia Humana" de Balzac (o escritor preferido de Marx), representando o homem interesseiro, ardiloso, que usa quaisquer meios para atingir seus fins. Trotsky, abnegado, representa o contrário, sob o olhar de Mauriac: a revolução não foi pretexto para ele satisfazer a "vontade de poder" ególatra; não esteve a serviço da autopromoção; não se prestou ao culto da personalidade.

2 Dois Trotsky em um Leon: o escritor e o revolucionário

A caracterização do nobel francês é corroborada por um dos mais importantes biógrafos de Leon, o escritor Victor Serge (que integrou a IV Internacional, fundada por Trotsky em 1938):

"De capacidades pessoais das quais ele não saberia fazer, desde a adolescência, nenhum uso individualista" ("Vida e morte de Trotsky", Victor Serge, Editora Ensaio, São Paulo, 1992, p.60).

Não foram poucos os homens das letras que lamentaram os sacrifícios "pessoais" que teriam impedido Leon, sempre tão absorvido pela luta revolucionária, de dedicar tempo para desenvolver projetos literários. Um deles é o grande dramaturgo

marxista Brecht, conforme confidenciou ao filósofo Walter Benjamin, no relato a seguir:

"(...) em 1932, Walter Benjamin é profundamente tocado pela leitura de 'Minha Vida', e mais tarde Bertolt Brecht declara diante dele que Trotsky bem poderia ser o maior escritor europeu de seu tempo" ("Viva!", Patrick Deville, editora 34, São Paulo, 2016, p. 78).

Como evidencia o trecho, enfim, a obra que despertou o fascínio desses leitores credenciados é exatamente a que está sendo lançada pela "Usina editorial". Em "Minha Vida", de fato, o poder de sedução se manifesta nas duas instâncias: na da "enunciação", isto é, no plano da construção do discurso, em que se revela o "escritor"; e na do "enunciado", no plano da história, em que se mostra o "personagem". É interessante observar que, recorrendo ao gênero autobiográfico, é como se Trotsky buscasse, também, uma forma de unidade entre o seu lado "teórico" e o "prático", articulando o "homem de ideias" e o "homem de ação". Aliás, Victor Serge diz o seguinte na biografia deste complexo personagem, que foi tanto o intelectual que produziu a monumental "História da Revolução Russa", quanto o revolucionário que a protagonizou (ao lado de Lenin), presidindo o Soviete de Petrogrado e dirigindo o Exército Vermelho:

"Trotsky interveio em acontecimentos tão numerosos e importantes durante quarenta e quatro anos, de 1896 a 1940, que sua biografia se confunde muitas vezes com a história de seu tempo. A sua atividade intelectual foi de tal ordem que as suas obras completas ocupariam uns quinze volumes" (obra citada: texto de apresentação do autor, na "orelha" do livro).

3_ A fronteira entre a "biografia" e a "história"

É muito sintomático que as palavras-chave do trecho destacado sejam "biografia" e "história": tanto para explicar a razão do livro de Serge, quanto para justificar a singularidade de "Minha Vida" na obra de Trotsky. Por uma questão de método, consideremos primeiro, ainda que em linhas bem gerais, algumas especificidades desses gêneros discursivos: a "biografia" se propõe a focalizar o homem, demarcando o papel do sujeito individual; a "história" busca retratar os homens, destacando a ação do sujeito coletivo. Isso ajuda a entender um pouco, por exemplo, por que o gênero historiográfico produz maior impressão de "objetividade", efeito de "totalidade", enquanto o biográfico, marcado pelo traço da "parcialidade", cria mais impressão de "subjetividade". A "biografia", portanto, para ser reconhecida como "história", diriam alguns, precisa adquirir o selo da "objetividade", comprovando exaustivamente a "identidade" do biografado com todos os "documentos" exigidos pela "ordem do discurso" (para lembrar Foucault): relatórios, cartas, artigos de jornal, depoimentos, etc. No caso de Trotsky, cuja "biografia se confunde muitas vezes com a história de seu tempo", o problema adquire um grau maior de complexidade: a começar pelas limitações das "fontes" de pesquisa, considerando o "apagamento" de Leon dos arquivos oficiais da "revolução" pelos stalinistas, que queimaram também parte dos seus arquivos pessoais. Outra questão a ponderar é o grau de proximidade entre o autor e o personagem: para certos críticos, afinidades ideológicas dificultariam o distanciamento necessário para criar a impressão de um olhar "isento". Preocupado com o "efeito de verdade" sobre o biografado, Serge justifica-se nestes termos:

"Tentei traçar neste livro o retrato de um homem e fazer a narração verídica, se bem que demasiado resumida, de sua vida. Penso ter cumprido a tarefa apenas do ângulo da verdade. (...) Consultei, evidentemente, numerosos documentos, a maior parte publicados em russo; em primeiro lugar, as obras de L.D.Trotsky. A pronta ajuda que encontrei em Natalia Sedov Trotsky me foi infinitamente preciosa: seus apontamentos e recordações me permitiram completar o que não podia conhecer a não ser imperfeitamente" (obra citada, texto de apresentação).

⚠ Um retrato sob o "ângulo da verdade"

É interessante sublinhar, para compreender o propósito de conferir à "biografia" o estatuto de "história", estas expressões do autor: "narração verídica" e "ângulo da verdade". Não à toa, vale lembrar também, ele usa a palavra "retrato": é como se uma "câmara" operasse sozinha, sem interferência de juízos de valor; como se um "olho mecânico" captasse a "realidade" dos fatos. Apesar da intenção manifesta, acusariam alguns leitores, além de ser impossível apreender a totalidade do "real", as principais fontes do biógrafo são mais "subjetivas": os depoimentos de Natalia e a autobiografia de Trotsky. Outro ponto que destacariam é que uma lente "objetiva" seria incompatível com o "foco narrativo" em primeira pessoa, como neste trecho inicial do capítulo 2 ("A Revolução"):

"Voltávamos à Rússia, depois de dez anos de exílio, no meio de uma revolução triunfante, mas num país pobre e exaurido pela guerra. Nosso primeiro contato com as autoridades russas (...) foi glacial" (obra citada, p.39).

Essa mudança de "foco" do "narrador observador" para o "narrador personagem" revela, de fato, que Serge também participou da história sobre a qual escreveu:

esteve ao lado de Trotsky, por exemplo, na "Oposição de Esquerda", em 1923, e na fundação da IV Internacional, em 1938. Aliás, esta projeção da "enunciação" no "enunciado", sincretizando "narrador" e "personagem", evoca as "Memórias de um revolucionário", em que Victor Serge também representa esses dois papéis: quem escreve está inscrito na história. Em certo sentido, é como se o uso da primeira pessoa, em "Vida e morte de Trotsky", misturasse a "autobiografia" com a "biografia", eliminando as fronteiras entre o "biógrafo" e o "biografado": nesses momentos do livro, a vida de um parece se confundir com as "memórias" do outro. A conclusão de alguns leitores é que o "retrato" estaria fora de foco: a falta de "distanciamento", produzindo efeito de sentido de "subjetividade", comprometeria o "ângulo da verdade". Para pensar melhor sobre isso, este trecho de "O Mar da Fertilidade", do escritor Yukio Mishima, é exemplar:

"A memória é um espelho de fantasmas. Mostra às vezes uns objetos muito distantes para serem vistos, e outras vezes os faz parecerem muito próximos" (Marguerite Yourcenar, "Mishima o la visión del vacio", Editora Seix Barral, Barcelona, 1990, p.90 – tradução nossa).

5. Entre a "realidade" e a "ficção"

Apesar dessa citação pertencer a um romance, reflete o mesmo problema da apreensão do "real" que o biógrafo enfrenta para ajustar a distância do "foco" e captar o "objeto", com o mínimo possível de "refração", nos limites entre a "memória" e o "fato". A propósito, não é gratuita a alusão ao "romance" para tratar da "biografia": os gêneros discursivos se distinguem, tradicionalmente, na fronteira entre a "ficção" e a "realidade". Em outras palavras, isso significa que cada território define suas regras, que "assujeitam" (segundo a noção de "ordem do discurso", de Michel Foucault) o

enunciador que opera em sua "jurisdição": o romancista, por exemplo, não precisa "jurar dizer a verdade, somente a verdade", como o biógrafo. A distância que os separa é demarcada pelo "verossímil" e pelo "verídico": parafraseando Guimarães Rosa, enquanto um conta "estória", o outro conta "história". Retomando a metáfora visual do "retrato", pode-se dizer - quardadas as devidas proporções - que o "romance" estaria para a "pintura" como a "biografia" para a "fotografia". Abrindo parênteses, a esta altura é preciso ressalvar que, sob o aparente caos das citações deste artigo, há uma ordem em que "harmonizam-se os sons, os perfumes e as cores": como nas "Correspondências" de Charles Baudelaire, tudo se liga em "profunda e tenebrosa unidade". Aliás, até o próprio poeta, já que morreu em 1867, mesmo ano de nascimento do primeiro volume de "O Capital": Natalia contou a Serge que visitou o túmulo do precursor do Simbolismo com Trotsky, logo que ele chegou a Paris, após três anos de exílio na Sibéria (obra citada, p.16). Enfim, explicando a relação entre as referências, que parecem distantes na superfície deste artigo, a conexão subterrânea entre elas é o "retrato". Além de Victor ter empregado a palavra como símile de "biografia", ela aparece também na obra citada de Mishima: o trecho, aliás, reforçando as ligações entre os fatos, foi extraído exatamente de uma biografia sobre o escritor japonês (que se matou trinta anos depois que Trotsky foi morto). Sob o olhar de Marguerite Yourcenar (que morreu setenta anos depois da revolução russa), o primeiro volume da tetralogia "O Mar da Fertilidade" abre a dúvida:

"(...) con una larga mirada a una fotografía, reciente aún quando los dos adolescentes (...) se inclinan sobre ella, pero que un día (...) parecerá tan fantasmal y profética como lo es para nosotros" (obra citada, p. 55).

O trecho nos ajuda a ilustrar a complexa tarefa de reconstituição da "verdade" pela "memória": o intervalo entre o tempo passado ("fantasmal") e o futuro ("profético"), o grau de proximidade e distanciamento dos fatos, a relação entre a "objetividade" e a "subjetividade", o limite entre a "história" e a "ficção", a fronteira entre a "biografia" e o "romance", o hiato entre o evidente e o invisível na "fotografia". Em outras palavras, cada território define suas regras: o "romancista", por exemplo, não precisa "jurar dizer a verdade, somente a verdade", como o "biógrafo".

6 Os retratos e os negativos: a "câmara clara" e a "câmara escura"

No livro "Roland Barthes: uma biografia", o autor Louis-Jean Calvet - defendendo-se antecipadamente das inevitáveis distorções do olhar - lembra o irônico aforismo barthesiano: "toda biografia é um romance que não ousa confessar-se" (Siciliano, 1993, p. 15). Vale comentar que a capa desta edição tem uma fotografia reveladora (com toda a propriedade do trocadilho): Barthes está de perfil, com o nariz apoiado na mão esquerda, segurando os óculos de que não precisa para pensar. Essa imagem do "pensador" sob o signo da dúvida parece refletir que não poderia ser capturada pelo "ângulo da verdade", como ambicionou Victor Serge em "Vida e Morte de Trotsky": ironicamente, na capa da edição brasileira (Ensaio, 1991) há uma ilustração do revolucionário, não uma fotografia (evidenciando os traços ficcionais presentes em qualquer biografia). Aliás, Barthes dedicou sua última obra - "A Câmara Clara" – especificamente à análise da construção de sentidos da "fotografia": na capa da edição da Nova Fronteira (1984), há um desenho de uma "câmara". É sintomático que a imagem da máquina fotográfica não seja uma fotografia: o que está em foco, novamente, é a distância entre a "realidade" e a "representação do real". A pintura de Magritte explicaria assim: "isto não é um cachimbo". Na tradução de

Foucault, seria como o intervalo entre "as palavras e as coisas". Em síntese, sobre (não "sob") o "ângulo da verdade" do biógrafo de Trotsky, a linguística de Saussure diria que "o ponto de vista cria o objeto": eis a "verdade". Para não esquecer a reveladora imagem "fotográfica" de Marx e Engels, pode-se concluir que o que parece "real" é uma construção ideológica, fabricado na linha de montagem da "ilusão":

"Se em toda ideologia os homens e as suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa 'câmara escura', é porque esse fenômeno deriva do seu processo de vida da mesma maneira que a inversão dos objetos na retina deriva do seu processo diretamente físico de vida" ("A ideologia alemã", Expressão Popular, São Paulo, 2009, p. 31).

Aproveitando a metáfora visual, o termo "câmara escura" ajuda a esclarecer a relação entre o processo de formação da imagem e do imaginário: o que parece evidente no retrato não aparece no "negativo". Por isso, não basta "ver" o que está "em pé" diante dos olhos: "olhar" em profundidade é "enxergar" o que está "de cabeça para baixo", o que não foi "revelado". A consciência crítica, assim, funcionaria como a luz que focaliza a "inversão dos objetos" na "câmara escura". É preciso ressalvar, contudo, que é impossível livrar os olhos de quaisquer lentes ideológicas: afinal, como explica a "análise de discurso francesa", a ideologia é "operatória", não "conceitual". Ou seja, é parte constitutiva do sujeito, que não pode falar dela como algo que não agisse também nele. Isso implica que nenhum olhar é neutro, que nenhuma leitura é isenta. Como bem define Mikhail Bakhtin (em "Marxismo e Filosofia da Linguagem"), o discurso é "a arena da luta de classes", "o signo reflete e refrata valores". Para concluir, este percurso digressivo serve para ajustar o foco do debate, a fim de se

possa enxergar melhor o problema do "ângulo da verdade" no retrato biográfico de Trotsky (para, então, dar um "close" na autobiografia do revolucionário).

7 Na "câmara clara": o retrato de Serge e a autobiografia de Trotsky

A esta altura, é importante mostrar novamente algumas conexões entre as várias referências, esclarecendo sua funcionalidade neste artigo. Lembremos que a palavra "retrato", não à toa, faz a ponte entre as distintas "faces" problematizadas: Serge empregou-a para se referir à descrição biográfica "verídica" do líder bolchevique; Barthes questionou o "ângulo da verdade", evidenciando a "opacidade" constitutiva do olhar. Para Victor, a "biografia", como gênero textual, busca o estatuto de "verdade", quer ser "reflexo" da "história"; Barthes, ao tratá-la como "romance que não ousa confessar-se", aponta o seu caráter "ficcional". Aproveitando esse contraponto entre os gêneros, mencionamos a presença de uma "fotografia" em um romance de Mishima - citada pela biógrafa Marguerite Yourcenar - que focalizava exatamente a relação entre o "retrato" e o "real": a reconstituição da "história" pela "memória", sob a ação impiedosa do tempo, que aproxima ou distancia demais o sujeito e o objeto, distorcendo a imagem. Abrindo parênteses, em depoimento a Victor Serge, Natalia Sedov (companheira de Trotsky) menciona essa difícil tarefa de reconstituição da "realidade", aproveitando também para fazer o seu "retrato" do bravo Leon daquele vitorioso 25 de outubro de 1917:

"Tanta coisa acontecia, se misturava, que, mais tarde, foi extremamente difícil restabelecer, aproximadamente, a ordem dos fatos, as presenças, a parte de cada um numa ação inominável. Muitos pontos secundários ficam obscuros para o historiador.

(...) Lev Davidovich tinha o rosto vincado, estava pálido, exausto. Mas uma grande

alegria austera vencia qualquer outro sentimento – e não se tinha um minuto a perder para dar conta da tarefa" ("Vida e Morte de Trotsky", Ensaio, 1992, p. 74).

É interessante destacar, em sua fala, o uso do advérbio "aproximadamente", que expressa "incerteza". Se Natalia dissesse que "foi extremamente difícil restabelecer a ordem dos fatos", ficaria pressuposto que a "realidade" foi perfeitamente retratada. O efeito de relativização produzido pelo advérbio, contudo, mostra que, por maiores que sejam os "reflexos", há sempre um grau de "refração" no "espelho da história". Isso reverbera a ideia - evocando Roland Barthes - de que toda "biografia" tem um pouco de "romance": o "ângulo da verdade", portanto, jamais apreenderá a totalidade do "real", retratando a "verdade absoluta". Em defesa de Victor Serge, sublinhamos que ele tinha clareza sobre a questão: do contrário, não teria usado o depoimento de Natalia, além de seu próprio testemunho, como fontes biográficas, dando-lhes o lastro de documentos históricos. Como bom marxista, consciente das armas ideológicas forjadas na "câmara escura", o "fotógrafo" de Trotsky sabia que o "ângulo da verdade" é sempre definido na perspectiva da luta de classes. Isso significa que o "retrato" tirado por ele, bem como a autobiografia do revolucionário, tem um sentido político, funcionando como "certificado de presença" na história (na expressão de Barthes em "A Câmara Clara", p.129): a imagem fala de quem foi caluniado, silenciado, apagado dos arquivos históricos pelos falsificadores stalinistas, que fabricaram a "verdade" oficial na indústria das mentiras da contrarrevolução.

8_ Na "câmara obscura" de Stalin: Trotsky apagado do retrato da revolução

Para contextualizar essas questões, vale lembrar que Leon foi expulso do partido em outubro de 1927 (três anos após a morte de Lenin), quando a revolução russa comemorava o décimo aniversário. Natalia recorda a indignação do companheiro:

"Eles não podem me arrancar da História". A preocupação não era infundada; suas palavras, infelizmente, comprovaram-se proféticas. Em 1928, o revolucionário foi deportado para Alma-Ata, no Cazaquistão; em 1929, foi expulso da URSS que ajudou a construir. No exílio na ilha de Prinkipo, na Turquia, seu primeiro livro foi "Minha Vida", cumprindo um papel de resistência contra as mentiras dos burocratas, que o "arrancavam" progressivamente da história, forjando outra "memória" daquele outubro. Como se sabe, não só suas obras foram proibidas, como também seu nome foi suprimido dos arquivos e seu rosto apagado das fotos da revolução. Para compreender melhor o funcionamento dessa "câmara obscura" de extermínio da memória, sob o filtro da "câmara clara" de Barthes:

"A fotografia não fala daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza, daquilo que foi. Essa sutileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança (quantas fotografias estão fora do tempo individual), mas (...) a via da certeza: a essência da Fotografia consiste em ratificar o que ela representa. (...) porque era uma fotografia, eu não podia negar que eu tinha estado lá (...). Essa distorção entre a certeza e o esquecimento me deu uma espécie de vertigem, e como que uma angústia policial" (obra citada, p.127, 128).

Isso explica o papel de "certificado de presença" que a biografia e a autobiografia – como a fotografia e o autorretrato – representam. Isso significa que Serge escreve sobre Trotsky, e este escreve sobre si, para que os stalinistas não o "arranquem da História". O "retrato" mostra aqui sua face "objetiva", o efeito de certeza "daquilo que foi": a história "não podia negar que eu tinha estado lá". Diante dessa verdade, dessa evidência, dessa "certeza", entretanto, a distorção vertiginosa do "esquecimento": é

nesse fio de alta tensão da "verdade" que se equilibram tanto o fotógrafo de Leon quanto o biógrafo de si. Nos versos de René Char, eis a trágica "vertigem": "só podemos viver no entreaberto, exatamente sob a linha de partilha da luz e da sombra" ("O nu perdido e outros poemas", Iluminuras, 1995, p. 12). Aliás, Char foi um dos vários artistas e intelectuais que subscreveram o manifesto "Planeta sem passaporte", redigido pelo poeta surrealista André Breton contra a expulsão do "velho companheiro de Lenin" da França, em 1934. Nessa perspectiva, enfim, a autobiografia de Trotsky é um grito de luz na sombra da "câmara obscura" do "estado degenerado", gravado na película do filme proibido pelo "Índex" da "Inquisição" stalinista: "Minha Vida" é a revelação do retrato do revolucionário banido, sob o "ângulo da verdade".

9 Trotsky e a revelação do retrato da "revolução desfigurada"

A metáfora do "retrato" fica, agora, ainda mais evidente, apesar de muito mais sutil: a "realidade" não é o que aparece na foto; a "verdade" é o que foi omitido. A autobiografia de Liev Davidovitch Bronstein, no contexto das falsificações e do silenciamento a que foi submetido pelo "coveiro da revolução" após a morte de Lenin (em 1924), cumpre o papel de dizer que a história "real" não é o que o retrato mostra, mas o que a fotografia esconde: a imagem de Trotsky foi apagada dos arquivos de Outubro; o revolucionário foi suprimido da "memória visual" de 1917. Como na "câmara escura" ideológica (naquela precisa formulação de Marx e Engels, em "A ideologia alemã"), as relações aparecem invertidas: a eliminação de Leon permitiu que o ardiloso Stalin se colocasse em lugar de destaque, como o grande parceiro de Lenin (que foi mumificado, enrijecido no ferro e bronze das estátuas, do mesmo modo que seu "pensamento"). Nesse quadro, tanto a autobiografia quanto a biografia funcionam como ações táticas para atingir o objetivo estratégico de

restituição da "verdade histórica", falsificada pela revolução "degenerada". Aliás, é importante registrar que "Minha Vida", a primeira obra que Trotsky escreveu após a sua expulsão da URSS, apesar de ser sua única incursão no gênero "autobiografia", não é nem a primeira publicada no exílio na Turquia, nem a primeira em que começou sua defesa contra os detratores. No prólogo do livro "A Revolução Desfigurada", depois de explicar o lugar que ocupa na luta contra o stalinismo, o fecho ratifica seu caráter inaugural: "Constantinopla, 1° de maio de 1929. L.D.Trotsky". Para localizar sua precedência sobre "Minha Vida", compreendendo o papel preparatório que desempenhou em relação a esta, vale atentar para a seguinte "exposição de motivos" do autor:

"Grande parte deste volume é dedicada à refutação das acusações e das grosseiras calúnias dirigidas contra mim, pessoalmente. Qual é a razão que me autoriza a reter e importunar a atenção do leitor com estes documentos? O fato de estar a minha vida até certo ponto ligada estreitamente aos acontecimentos da Revolução não pode por si só justificar a publicação deste livro. Se a luta de Stalin contra mim não fosse mais do que uma luta pessoal pelo poder, a história desta luta não teria nenhum valor eficaz, pois a história está cheia de lutas, de grupos e indivíduos, pelo poder, em nome do poder. A razão é outra, e nasce do fato de a luta dos indivíduos e dos grupos da URSS estar indissoluvelmente unida às diferentes etapas da Revolução de Outubro" ("A Revolução Desfigurada", Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979, p.IX).

Não é gratuito, nessa justificativa, que apareçam os termos "contra mim", "pessoalmente", e, sobretudo, "minha vida": a "luta pessoal" revela-se, nesse contexto obscuro, como um combate político, com a consciência de que Leon representava

metonimicamente a "Oposição de Esquerda" contra a direção burocrática. Por isso é que a autobiografia do "profeta banido" pode ser lida como uma espécie de segunda parte dessa história (ou, em outros termos, o "segundo round" da grande luta ideológica contra o stalinismo).

10 Sob as lentes de Leon: o retrato da "câmara de extermínio" stalinista

Considerando os contrapontos entre "biografia" e "história", "realidade" e "ficção", "verdade" e "mentira", que orientam o percurso deste artigo, cujo propósito é a reabilitação da memória do dirigente marxista assassinado por Stalin em 1940, é fundamental destacar outro trecho do prólogo de "A Revolução Desfigurada". Explicando sua estrutura, Trotsky focaliza o problema:

"A primeira parte deste livro é uma carta que escrevi ao Instituto Histórico do Partido e da Revolução, que escrevi por ocasião do décimo aniversário da Revolução de Outubro. Como protesto, o Instituto devolveu-me o manuscrito, que representava um corpo estranho na tarefa da inconcebível falsificação histórica à qual se dedica essa instituição na luta contra o trotskismo.

A segunda parte compõem-se de quatro discursos que pronunciei perante as mais altas instâncias do Partido, de junho a outubro de 1927, isto é, no período de luta ideológica mais intensa entre a Oposição e a fração de Stalin (obra citada, p. XVII).

Este trecho condensa uma série de questões que levantamos, como pressuposto para localizar o contexto que justifica "Minha Vida". A começar pelo conceito de "gênero de discurso" (que o linguista russo Bakhtin analisou em "A Estética da Criação Verbal"): a biografia, a autobiografia e o romance se definem por características particulares, estabelecendo distintas relações com o discurso

histórico. A obra "A Revolução Desfigurada", organizada no mesmo ano em que "Minha Vida" foi escrita (1929), é composta de uma carta e quatro discursos, que são dois gêneros textuais também com traços específicos. Sem entrar em detalhes teóricos, o que importa aqui é o traço comum entre eles: tanto a carta quanto os discursos são enunciados em primeira pessoa, do mesmo modo que a autobiografia. O "eu" só faz sentido, como apontou Trotsky, quando a "luta pessoal" reflete o confronto ideológico entre "diferentes etapas da Revolução de Outubro". Os distintos gêneros, portanto, atuaram taticamente a serviço da mesma estratégia: os combates de Leon contra as "calúnias" e "falsificações" tinham por objetivo a quebra da "câmara obscura" do stalinismo e a restituição da "verdade histórica" revolucionária. No fragmento destacado, com a sutileza que lhe rendeu a alcunha de "O Pena", revelou a imagem invertida no espelho de circo de horror da contrarrevolução, emoldurando-a entre aspas: o "trotskismo". Trotsky, ironicamente, não se reconhecia "trotskista": reivindicava-se marxista e leninista. Mas, para que Stalin pudesse parecer ser o que jamais foi, Leon precisaria parecer o contrário: inventou-se, então, o inimigo, batizando-o de "trotskismo".

"O mito do 'trotskismo' prestou este serviço histórico. Será necessário repetir que jamais pretendi nem pretendo criar uma doutrina particular? Em teoria sou um discípulo de Marx. Em se tratando dos métodos da revolução, passei pela escola de Lenin. Ou, se quiserem, o 'trotskismo' é para mim um nome sob o qual são designadas as ideias de Marx e Lenin por epígonos desejosos de se libertarem a qualquer preço dessas ideias, mas que não ousam ainda fazê-lo abertamente" (obra citada, p. XVII).

Nessa manobra ardilosa dos burocratas, a luta de ideias se deslocou para a arena "pessoal": a Oposição de Esquerda, que era uma fração do PCUS (organizada em 1923, na véspera da morte de Lenin) em disputa política contra os desvios da direção burocrática, foi convertida metonimicamente na figura de Trotsky. Na lógica perversa dessa "câmara de extermínio", como o bolchevique "encarnava" a oposição, toda crítica à ditadura do herdeiro de "Ivan, o Terrível" passou a ser acusada de "trotskismo". A propósito, é muito revelador que a carta ao "Instituto Histórico do Partido e da Revolução" tenha sido devolvida porque "representava um corpo estranho na inconcebível tarefa da falsificação histórica": o "corpo estranho" é tanto o do "manuscrito", no campo da disputa ideológica, quanto o do "homem", no plano da "luta pessoal". Por isso é que dizer "eu" – seja na carta ao Instituto, nos discursos ao Partido ou em "Minha Vida" - manifesta o sentido de um gesto político: como Trotsky era, em carne e osso, em papel e tinta, a memória do marxismo revolucionário, falsificá-lo nos documentos, apagá-lo das fotos, queimar seus arquivos, proibir seus livros significava, enfim, o esquecimento das "Lições de Outubro". Stalin sabia que era preciso desparecer com o "corpo" para esconder a materialidade do crime.

11_ O "retrato falado" do crime de falsificação: a carta de defesa de Leon

Os trechos citados de "A Revolução Desfigurada" evidenciam a conexão direta entre a "biografia" e a "história": a vida do indivíduo é inseparável do seu papel como sujeito histórico. Considerando que o homem é Trotsky, cuja vida foi dedicada à causa revolucionária, deformar a sua "biografia", apagá-lo do "retrato", exilá-lo da "história" é falsificar a própria "história". Como ele explicou, lembremos, a "luta pessoal" deve ser compreendida no contexto da "luta ideológica" contra a degeneração do marxismo, do leninismo, do partido, enfim, do "estado operário". Um marco

importante nesse combate é a carta dirigida ao "Instituto Histórico do Partido", em novembro de 1927 (no décimo aniversário da Revolução), às vésperas de sua expulsão do Partido. O título deixa inequívoco o tom acusatório: "A respeito da falsificação da história da insurreição de Outubro, da revolução proletária e da história do Partido". Para ilustrar, eis o início da carta:

"Prezados camaradas:

Vós me enviastes um longo questionário sobre minha participação na Revolução de Outubro, pedindo-me para responder às perguntas feitas. Não creio que possa acrescentar muito ao que já foi publicado em diversos documentos, discursos, artigos e livros de todo tipo, especialmente os meus. Mas, de qualquer forma, peço permissão na Revolução de Outubro, quando a totalidade do aparelho oficial - mesmo vós - trata de disfarçar, de fazer desaparecer ou, pelo menos, adulterar todas as particularidades dessa participação? (...) Não é, de forma alguma, minha intenção tratar aqui, a fundo, a questão dessas falsificações: para isso seriam necessários vários volumes. Mas, respondendo às vossas perguntas, permiti-me assinalar uma dezena de deformação rancorosa e consciente a que se apela atualmente, em grande escala, para apresentar os acontecimentos de ontem, deformação consagrada pela autoridade de todo tipo de instituições e introduzida, inclusive, nos manuais escolares" (obra citada, p.3).

O raciocínio ágil, a lógica implacável da argumentação e a escrita clara e vigorosa do "Pena" exigiam interlocutores à altura: entre os "prezados camaradas", contudo, não havia nenhum Lenin (o único que de fato Trotsky respeitava intelectualmente). Não é difícil imaginar por que o "Instituto Histórico" devolveu a carta, em vez de replicá-la. O ex-presidente do "Conselho Revolucionário da Guerra", em hábil manobra,

inverteu as posições na batalha ideológica logo nas primeiras linhas: a estratégia discursiva do inimigo, encaminhando o "questionário", era focalizar o "homem", para que este tivesse que provar sua existência na "história". Leon negou a própria condição de validade do questionamento, uma vez que a história é a prova da existência do homem: o "ângulo da verdade", sob a luz da "evidência histórica", é o que está "em diversos documentos, discursos, artigos e livros de todo tipo". Por isso, o interrogado justificou, com sua ironia mordaz frente às obviedades, não poder "acrescentar muito ao que já foi publicado". Entretanto, como os "acontecimentos de ontem" estavam sendo deformados, o que era "evidente" precisava ser provado: Trotsky escreveu a carta ao "Instituto Histórico do Partido", logo, não apenas em defesa própria; defendendo-se, argumentou, sobretudo, em defesa do marxismo, do leninismo, da memória da Revolução. Assinou seu nome, em nome de Outubro, para evitar falsificações.

12. No princípio era o nome; depois foi a foto: nasceu a "falsificação"

O nome de Trotsky, seguindo o de Lenin, foi o de maior destaque em 1917: a atuação complementar da dupla foi determinante para a construção do primeiro Estado operário da História. Apesar disso, em 1927, três anos depois da morte de Vladimir Ilitch Ulianov, o XV Congresso do Partido "comemorou" o décimo aniversário da Revolução com o expurgo daquele que desempenhou alguns dos papéis fundamentais para a conquista do poder: o homem que não só presidiu o Soviete de Petrogrado (nas revoluções de 1905 e 1917) e o Comitê Militar Revolucionário, como também organizou o Exército Vermelho, liderando-o até a derrota dos 21 invasores "brancos" na árdua guerra civil. A expulsão de Trotsky do PCUS foi o marco inaugural do funcionamento da "câmara obscura" dos

"historiadores stalinistas": primeiro, foi proscrito do partido; depois, suprimido dos arquivos. Antes de ser apagado das fotos, seu nome desapareceu dos fatos: a carta que escreveu ao "Instituto Histórico do Partido" denunciou os sinistros novos tempos da burocracia no poder. A nota 15 do texto vai direto ao ponto:

"Stalin esforça-se em fabricar uma história da organização da Revolução de Outubro (...). Mas, apesar de todos os meus esforços de memória, é absolutamente impossível me recordar em que consistiu o papel de Stalin nessa jornada decisiva" ("A Revolução Desfigurada", Editora Ciências Humanas, 1979, p. 13).

Não é por acaso que a denúncia tenha sido feita em plena "comemoração" dos 10 anos daqueles "dez dias que abalaram o mundo": se a palavra "comemorar" significa "celebrar a memória comum", "lembrar junto", é impossível "comemorar" o que não existiu. A não ser para os falsificadores da história, que tentaram solucionar o paradoxo fabricando outra "memória", a fim de que todos "esquecessem juntos" o que realmente aconteceu. Para comprovar as "relações invertidas" nessa "câmara escura" (lembrando Marx), Trotsky fez este "Acréscimo Necessário":

"No decorrer dos últimos meses, Stalin e Yaroslavsky esforçaram-se em demonstrar que o centro prático para a organização e a direção da insurreição, criado pelo Comitê Central e composto de Sverdlov, Stalin, Bubnov, Uritsky e Dzerjinsky, dirigia realmente a Revolução. Stalin sublinha que Trotsky não pertencia a esse centro. (...)

O Comitê Revolucionário dos Sovietes é precisamente o Comitê Militar Revolucionário. Não existia outro órgão soviético para a direção da insurreição. Por conseguinte, esses cinco camaradas, designados pelo Comitê Central, deviam completar o Comitê Militar Revolucionário, cujo presidente era Trotsky. É evidente que não se precisava designar Trotsky uma segunda vez, pois já era presidente

dessa organização. Como é difícil corrigir a história depois dos fatos passados!" (obra citada, p. 14).

Para que figue bem claro, Leon não constava entre os cinco nomes exatamente porque era o presidente do Comitê Militar Revolucionário: isso bastou, contudo, para que o ardiloso burocrata excluísse da própria tomada de poder a participação do dirigente. Reescrevendo a história de Outubro, Stalin se projetou como o grande líder que jamais foi, atribuindo-se o papel central que, na verdade, foi desempenhado por Trotsky. Esse é apenas um dos muitos exemplos de como operava a máquina burocrática de falsificações: a "comemoração" do décimo aniversário da Revolução, portanto, marcou o início da celebração de "fatos passados" que, paradoxalmente, nunca existiram. Apesar de ser "difícil corrigir a história", os obstinados funcionários do partido, investidos da função de "historiadores", mostraram que nada era impossível para Stalin: inclusive negar a existência de Leon Trotsky. O apagamento de seu nome do Comitê Militar Revolucionário foi o princípio (sem princípios) do longo processo de deformação histórica. Para que o obscuro Josef pudesse aparecer, é claro, Trotsky precisaria desaparecer: sua presença era a memória viva que o ditador queria apagar. Só assim seria possível que a "ficção" stalinista se convertesse em "verdade": afinal, para o povo acreditar no que não houve, teria que esquecer o que existiu.

13 O retrato de Trotsky depois da morte de Lenin

A carta de Leon ao Instituto Histórico do Partido é de 11 de novembro de 1927. O "Acréscimo Necessário" – relembremos – fundamentado em amplas provas documentais, encerra com a interpelação irônica aos falsificadores: "Como é difícil corrigir a história depois dos fatos passados!" ("A Revolução Desfigurada", p. 14).

Muito mais fácil do que replicar a sólida argumentação de Trotsky, obviamente, era devolver-lhe a carta. O gesto autoritário, muito revelador, significava o fechamento do espaço do debate, o fim da relação dialógica entre os militantes, o início da censura: oficializava-se o regime monolítico da burocracia dirigente. Leon foi eleito o "inimigo público número 1" do herdeiro de "Ivan, o Terrível": era estratégico eliminá-lo, vale repetir, para que o conspirador tomasse o lugar de "amigo público número 1" de Lenin. Em se tratando de quem detinha o poder de "corrigir a história depois dos fatos passados", enfim, não seria de estranhar que isso fosse possível mesmo após a morte do líder bolchevique. Aliás, no tópico seguinte da carta, sugestivamente intitulado "O Histórico da Revolução de Outubro", a síntese de Trotsky é precisa:

"Em Brest-Litovsky escrevi uma brochura sobre a Revolução de Outubro. Esse livro teve então um grande número de edições em diversas línguas. Nunca me disseram que tinha sido omitida alguma coisa importante, e que não tratava em parte alguma do principal órgão dirigente da revolução, o centro militar revolucionário, cujos membros eram Stalin e Bubov. Se eu conhecia tão mal a história da Revolução de Outubro, por que ninguém me advertiu desse erro? Por que, então, no decorrer dos primeiros anos da Revolução, utilizaram impunemente o meu livro como manual nas escolas do Partido? (...) Por quê? Visivelmente os olhos de Stalin e dos stalinistas só se abriram sobre o trotskismo depois que os de Lenin se haviam fechado para sempre (obra citada, p. 14–15).

Conforme problematizamos desde o início desta série de artigos, cada vez é mais evidente a razão que levou Trotsky a enunciar em primeira pessoa, conduzindo-o à redação de "Minha Vida": a sua "luta pessoal" foi uma "luta ideológica", um combate

político. Não se trata de um expediente "narcísico", movido pela vaidade: a omissão de seu nome das páginas da Revolução é índice inequívoco do processo de deformação histórica. O "eu" que se pronunciou nos textos de "A Revolução Desfigurada" se lançou em defesa das "Lições de Outubro", progressivamente reescritas na perspectiva caolha (e canalha) dos "historiadores" stalinistas. Leon precisou fazer seu próprio "retrato" para mostrar que sua imagem não era nada parecida com a que Stalin fez no fatídico XV Congresso. Aliás, em "Vida e Morte de Trotsky", Victor Serge desmascarou a farsa nesta "narração verídica" da atmosfera conspiratória da abertura do evento:

"Em 2 de dezembro de 1927, tem início o XV Congresso do Partido, mais triunfante que todos os precedentes, sob os auspícios da unanimidade total, de cem por cento de unidade, da disciplina de bronze, do leninismo integral, da maior democracia: essas expressões pululam na imprensa. Com efeito, nenhum opositor sequer entre os 1.669 delegados (...), representando 1.210.000 membros: Stalin fala por cerca de sete horas. São adotadas teses que resolvem todos os problemas (...). O Congresso é pela excomunhão do trotskismo, que se tornou mencheviquizante, disposto a capitular diante da burguesia nacional e internacional e que secunda objetivamente a terceira força [a classe média] contra a ditadura do proletariado" (obra citada, p. 173).

É importante lembrar que o biógrafo também integrava a "Oposição de Esquerda", que seria expulsa no Congresso de aniversário do décimo Outubro. Nessa perspectiva, a biografia de Trotsky é também, guardadas as devidas proporções, as "memórias de um revolucionário" de Victor, a sua "Minha Vida". O "ângulo da verdade" de Serge – como o de Leon – é o dos que foram excluídos da foto oficial, apagados

dos arquivos da "História da Revolução Russa". A "narração verídica", nesse contexto, é a das vozes que foram silenciadas, porque destoavam do "coro da unanimidade" regido por "Stalin, o Terrível": é a história que não foi contada pelos "historiadores" do instituto contrarrevolucionário de falsificação. Victor Serge, nesse trecho em particular, refletiu a imagem da "revolução desfigurada" projetada na "câmara clara" de Trotsky: a "realidade" que "pululava na imprensa" stalinista era ficção. Se havia a "Oposição de Esquerda", como não existia "nenhum opositor sequer entre os 1.669 delegados"? Evidentemente, não poderia haver "unanimidade total", "cem por cento de unidade" no Partido: o "leninismo integral" era um expediente retórico para legitimar a farsa. Aliás, as palavras falam por si mesmas: "total", "integral" e "cem por cento" expressam inequivocamente o "absolutismo" do czar vermelho. Nesse quadro, a invenção do "trotskismo" veio bem a calhar: para que Stalin pudesse reinar, o "inimigo" deveria ser combatido, a oposição precisaria ser eliminada. O "retrato" que o ditador fez de Trotsky pretendeu revelar um "traidor" que nem Lenin fora capaz de enxergar: como o "Presidente do Conselho de Comissários do Povo" não tivera a argúcia de perceber, entre os bolcheviques, um menchevique infiltrado, que atuava em nome dos interesses imperialistas, traindo o proletariado? Para desmentir o "leninismo integral" de Josef, vejamos o retrato que Lenin fez de ambos, em 24 de dezembro de 1922:

"O camarada Stalin, tendo chegado ao Secretariado Geral, concentrou em suas mãos um poder enorme, e não estou seguro de que sempre irá utilizá-lo com suficiente prudência. Por outro lado, o camarada Trotsky, segundo demonstra sua luta contra o CC, não se distingue apenas por sua grande capacidade. Pessoalmente, embora seja o homem mais capaz do atual CC, está tomado demais pela autoconfiança (...)" (Lenin, "Últimos escritos e Diário das secretárias", Sundermann, 2012, p. 74).

Em 4 de janeiro de 1923, o velho bolchevique terminou o retrato do burocrata com estes traços reveladores:

"Stalin é grosseiro demais, e este defeito, plenamente tolerável em nosso meio e entre nós, os comunistas, se torna intolerável no cargo de Secretário Geral. Por isso proponho que aos camaradas que pensem a forma de passar Stalin a outro posto e nomear a este cargo outro homem, que se diferencie do camarada Stalin em todos os demais aspectos apenas por uma vantagem, a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais delicado e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso, etc. Porém eu creio que, desde o ponto de vista de prevenir a ruptura e desde o ponto de vista do que escrevi anteriormente sobre as relações entre Stalin e Trotsky, não é uma tolice, ou se trata de uma tolice que pode adquirir importância decisiva" (idem, p. 87–88).

Essas foram as suas últimas palavras: Lenin fecharia os olhos em 21 de janeiro de 1924. Conhecendo o que se deu após a sua morte, enfim, seu texto derradeiro é profético: as diferenças marcantes entre os dois adquiriram, de fato, "importância decisiva". Venceu o menos tolerante, o menos leal, o menos delicado, o menos capaz: quem era "o mais" em todos os aspectos perdeu, contudo, por não ser menos autoconfiante. Esse defeito, nítido no retrato que Lenin fez de Trotsky, foi fatal: custou-lhe a expulsão do Partido, em 1927, o degredo em Alma-Ata, em 1928, o adeus definitivo à URSS, em 1929, o assassinato no México, em 1940. A história não se faz com hipóteses, mas com fatos: não fosse tudo isso, afinal, o "profeta banido" não escreveria "Minha Vida". Se a escrevesse, seria em outro momento, por outro motivo: a autobiografia seria outra, Trotsky estaria no retrato, junto com Lenin. Mas "Minha Vida" - é fato - não se faz com "se": quem dera mesmo fosse essa uma outra história!

14 A pose de Stalin no retrato fabricado da Revolução

A campanha difamatória contra o "trotskismo" culminou na sua expulsão do PCUS em 1927, após Stalin acusá-lo de "menchevique", "colaborador da burguesia nacional e internacional", "inimigo da ditadura do proletariado". Como vimos, o ditador georgiano usava Lenin como salvo-conduto para as suas arbitrariedades, disfarçando-as sob a máscara do "leninismo integral" da burocracia parasitária (como no trecho citado por Victor Serge). Para deslegitimar a versão da historiografia revisionista, citamos os "últimos escritos" do líder de que Josef se apropriou indebitamente. A bombástica "Carta ao Congresso", conhecida como "Testamento", foi colocada no "Index Librorum Prohibitorum" da "Inquisição" stalinista, por razões óbvias: como o déspota poderia propagandear sua fidelidade ao "leninismo" desautorizado pelo próprio Lenin? Aliás, este, com a saúde bem comprometida, logo impossibilitado de comparecer às reuniões, já era tratado como morto pelos oportunistas. Vale conferir a nota do historiador Henrique Canary, na apresentação do livro "Últimos escritos e Diário das secretárias":

"Uma vez que Lenin exigia a publicação imediata de sua carta no Pravda, Kuibishev, chefe da Comissão Central de Controle, chegou a propor que se imprimisse uma edição especial do Pravda, de um único exemplar, contendo a carta de Lenin, para tranquilizá-lo. Essa proposta verdadeiramente escandalosa provocou uma reação enfurecida de Trotsky na reunião. Ao final, Kuibishev e os outros membros recuaram, e os trechos políticos da Carta ao Congresso foram publicados" (Lenin, Sundermann, 2012, p. 10).

Victor Serge, em sua biografia de Leon, também trouxe a farsa à luz:

"O artigo de Lenin, discutido no bureau político, foi considerado pela maioria – contra a qual se ergue Lev Davidovitch – como impublicável. Mas como censurar Lenin? Como se recusar a publicá–lo? Kuybichev sugeriu que se imprimisse o artigo num único número do 'Pravda', número esse que seria enviado ao doente... Kamenev apoiou Trotsky, o artigo foi publicado, o bureau político reconheceu a impossibilidade de o esconder do partido" ("Vida e morte de Trotsky", Editora Ensaio, São Paulo, 1992, p. 131).

Neste centenário da Revolução Russa, não é demais repetir que a palavra "comemorar" tem sentido político: "trazer à memória" esses fatos significa "lembrarmos juntos" – entre tantos fatos importantes – o processo de degeneração do primeiro Estado operário, a deformação do pensamento de Lenin e a demonização de Trotsky na "cruzada" stalinista. A relevância dessas questões não se deve apenas à restituição da verdade histórica; mas, sobretudo, a partir dela, à reabilitação do próprio marxismo como teoria e práxis revolucionária, plenamente válidas neste século XXI. Confirmando a atualidade desses problemas, o historiador Valério Arcary faz esta síntese lapidar:

"A inexistência de qualquer experiência de uma sociedade em transição ao socialismo, neste início do século 21, diminuiu a força de atração do marxismo como programa político nas grandes mobilizações revolucionárias (...). A destruição do internacionalismo com o divórcio, durante mais de três décadas, das lutas no Ocidente e no Leste, e a identificação do socialismo às tiranias burocráticas estão entre as derrotas mais profundas daqueles que, ainda que divididos em diferentes partidos e tendências, reivindicam o marxismo" ("O martelo da história – Ensaios sobre a urgência da revolução contemporânea", Sundermann, 2016, p.29).

A hegemonia do stalinismo tornou-o, para muitos, sinônimo de marxismo, de comunismo: com a queda do "Império Vermelho" (na virada dos anos 80 do século passado), consequentemente, Marx e o comunismo foram condenados também. Por isso, uma das grandes tarefas dos marxistas revolucionários, dos herdeiros de Outubro, é separar o joio do trigo, mostrando que Stalin é antônimo de Marx, Lenin e Trotsky: o burocrata ditador é, na verdade, o retrato da contrarrevolução. Para enxergar que "as relações aparecem invertidas" na retina da história oficial, é preciso desvendar os perversos mecanismos ideológicos da "câmara obscura" stalinista, que produziu essas imagens falsificadas da Revolução.

15 Josef Stalin não estava no retrato de Outubro

Para reabilitar a memória de Trotsky, é preciso debilitar e desabilitar a memória de Outubro fabricada pelos "historiadores" stalinistas: cada nota desta série, portanto, cumpre o papel tático de combate às falsificações, com o objetivo estratégico de restituir a "verdade histórica". Mas a guerra não termina aí: contestar as versões oficiais e provar as distorções dos fatos é uma etapa necessária para poder avançar na luta. A superação da "crise da esquerda" (com a derrocada da URSS e do Leste Europeu e a restauração do capitalismo) passa também pela quebra da "identificação do socialismo às tiranias burocráticas" (nos termos de Valério Arcary, citado no tópico anterior), a fim de que se recupere a confiança no marxismo como teoria e práxis revolucionária. Esclarecendo, a legítima repulsa à figura autoritária de Stalin produziu, paradoxalmente, efeitos desastrosos, porque afetou as imagens de Lenin e Marx: como o georgiano fabricou-se como a "voz oficial" do marxismo, como o grande herdeiro do "leninismo", a sua queda desestabilizou os outros, num trágico "efeito dominó". Por isso, é fundamental desfazer essa "linha sucessória", retirando

Marx e Lenin da falsa "certidão de nascimento" de Josef, da "foto de família" fabricada pela "Agência Stalin" (na certeira expressão de Trotsky). Na iconografia forjada pelos funcionários do partido, vale lembrar, o ditador foi colocado em primeiro plano, com os dois "mestres" ao fundo dando-lhe sustentação, para "legitimar" suas atrocidades: o trio apareceu junto em cartazes, medalhas, estátuas, na construção do imaginário distorcido de 1917. A "Carta ao Congresso" de Lenin, como vimos, mostrou a verdadeira face do sombrio burocrata, por isso foi proibida de circular: o proclamado "leninismo integral", obviamente, não se sustentaria se ela fosse revelada. Por trágica ironia, o jornal em que a "versão oficial" era divulgada chamavase "Pravda", que significa exatamente "verdade". Para que a mentira ficasse bem escondida, enfim, Trotsky teria que parecer adversário dos dois grandes líderes que serviam de escudo para o chefe dos burocratas. Sobre a estratégica invenção do "trotskismo" (que já comentamos), Victor Serge recorda a confissão de Zinoviev a Leon, quando eles se juntaram na "Oposição Unificada", em 1926 (também integrada por Kamenev):

"Os novos aliados de Trotsky lhe contam, com bom humor, como inventaram o trotskismo". 'Se você não tivesse publicado As Lições de Outubro, diz Zinoviev, 'nós, certamente, teríamos encontrado um outro pretexto...'. 'Era preciso juntar as antigas divergências às atuais', dizia ainda" ("Vida e Morte de Trotsky", obra citada, p. 157).

Para ambos admitirem que Bronstein estava correto em suas críticas severas ao processo de burocratização e da ausência de democracia interna, precisaram sentir na pele a mão pesada do "Grande Pai". Depois de comporem com ele o "triunvirato" do terror, Kamenev foi destituído da presidência do Soviete de Moscou, e Zinoviev, da direção da III Internacional. Os velhos bolcheviques, arrependidos, sabiam que "As

lições de Outubro" eram a expressão da "verdade histórica" que tanto indignava o ditador, por estar ausente das páginas heróicas da Revolução. Por isso, como vimos, Stalin omitiu o nome de Trotsky do "Comitê Militar Revolucionário", do qual este era o presidente. O livro "A Revolução Desfigurada" (organizado em 1929, no exílio na Turquia, após a expulsão definitiva da URSS) reconstitui a história pelo "ângulo da verdade", cotejando diferentes versões dos mesmos fatos. Destacamos mais alguns trechos emblemáticos desta luta contra as falsificações da "Agência Stalin":

"Sobre a minha participação na Revolução de Outubro, lê-se no XIV volume das 'Obras' de Lenin: "Quando o Soviete de Petrogrado passou às mãos dos bolcheviques, Trotsky foi eleito presidente e nessa qualidade organizou e dirigiu a insurreição de 25 de Outubro" (p. 12).

Depois de recorrer, em sua longa defesa, ao "argumento de autoridade" de Lenin, Trotsky confrontou essa versão com a criada por Josef:

"Devo dizer que o camarada Trotsky não representou e não pôde representar nenhum papel particular na Revolução de Outubro, que como presidente do Soviete de Petrogrado limitava-se a executar a vontade das instâncias interessadas do Partido, que dirigiram todos os passos do camarada Trotsky" (Stalin, "A propósito do Trotskismo ou Leninismo", p. 68-69).

Como se não bastasse, em seguida Leon colocou o falsário diante de si mesmo, revelando as duas caras de Stalin, em momentos históricos distintos:

"É verdade que dando esse testemunho Stalin esquece o que ele próprio dizia em 6 de novembro de 1918, isto é, no primeiro aniversário da Revolução, quando os fatos e os acontecimentos estavam ainda demasiadamente vivos na memória de todos.

(...) Eis aqui o que escreveu no 'Pravda' (n° 241), sob o título 'O papel dos militantes mais destacados do Partido': 'Todo o trabalho de organização prática da Insurreição foi realizado sob a direção imediata de Trotsky, presidente do Soviete de Petrogrado' (...)" (p. 13).

Para concluir, L. Davidovitch Bronstein deu o golpe final no detrator, bem ao seu estilo:

"Diz-se, há muito, que um homem sincero tem a vantagem de nunca se contradizer, mesmo se a memória lhe falta, enquanto um homem falso, desleal e sem escrúpulos deve sempre se lembrar do que disse no passado para não se cobrir de vergonha" (p. 13).

É importante sublinhar que as réplicas às acusações fundamentaram-se em "documentos", como trechos das obras de Lenin e de artigos do próprio acusador, que cumprem o papel de "instrumentos probatórios", produzindo "efeito de objetividade". Como Trotsky atestou com "suficiência de provas", Stalin não teve qualquer papel de destaque no processo revolucionário. Aliás, recorrendo a outra fonte, no volume IX da monumental "História do Marxismo" (Paz e Terra, 1989, org. Eric Hobsbawm, entre outros), isso é confirmado:

"Numa reconstrução historiográfica objetiva, o papel de Stalin no movimento bolchevique de antes da revolução dificilmente poderia ser enfatizado (...), e até mesmo seu nome parece então destinado a cair no esquecimento. Lenin, que o conheceu com o nome de 'Koba', não consegue durante algum tempo recordar seu verdadeiro nome, e deve-se esforçar muito para reencontrar seus traços. 'Você não se lembra do nome de Koba?', pergunta a Zinoviev, em julho de 1915; mas tampouco Zinoviev se recorda" (obra citada, "Stalin, Lenin e o marxismo-leninismo", Valentino Gerratana, p. 247).

Por incrível que pareça diante de tantos fatos inquestionáveis, cada "cruzada" stalinista dessa "guerra santa" contra Trotsky buscava legitimar-se em nome da pretensa defesa do "marxismo-leninismo". Evidentemente, para que o verdadeiro inimigo da Revolução pudesse permanecer oculto, seu maior defensor deveria ser apagado da história: só assim o obscuro georgiano poderia aparecer na foto de Outubro. Por que será que a "Carta ao Congresso" de Lenin, exigindo o afastamento do ditador, seria divulgada apenas em 1956, só depois que o camarada Koba descobriu que não conseguiria enganar a morte? Neste centenário de Outubro, no contexto regressivo de crise da esquerda, recolocar Leon Trotsky no retrato de 1917 significa resgatar com ele a imagem da tradição revolucionária de Lenin e Marx. Para que o socialismo possa ser visto novamente como o único caminho para a vitória contra a exploração, uma das tarefas dos revolucionários é mostrar que a "tirania" burocrática" faz parte de outra história. Por isso, para comemorar de verdade os cem anos do primeiro Estado Operário, lembremos juntos que Stalin não estava na foto: qualquer semelhança, portanto, é mera coincidência fabricada pelas agências do "Instituto Histórico do Partido".

16. A fabricação do "trotskismo" pela "Agência Stalin"

Recapitulando o tópico anterior, a "Agência Stalin" de propaganda inventou o "marxismo-leninismo" como estratégia de legitimação das arbitrariedades do regime burocrático: a doutrina serviu de pretexto às acusações de desvio ideológico dirigidas, sobretudo à "Oposição de Esquerda". Mais especificamente, o alvo das mentiras era Leon Trotsky, o grande protagonista da luta pelo resgate da "democracia interna", antídoto contra o veneno da burocratização do Partido e do Estado. Como seria muito difícil contestar a sólida argumentação de Trotsky – por

sua reconhecida competência como hábil orador, exímio escritor e grande teórico – a tática foi desqualificar sua imagem para, então, desacreditar suas análises e neutralizar suas críticas. A manobra da "Agência", pois, consistiu em deslocar o foco do campo das ideias para o campo pessoal: em vez de discutir o "objeto", questionou o "sujeito". Aliás, no prólogo de "A Revolução Desfigurada", Trotsky diagnostou nitidamente as "relações invertidas" (lembrando Marx e Engels) na "câmara obscura" stalinista. Nas primeiras linhas da carta ao "Instituto Histórico do Partido", fez questão de ressalvar que a luta não era "pessoal", mas "política; que era necessário dizer "eu", naquele contexto específico, porque se defender das calúnias implicava contestar as falsificações dos fatos, que comprometiam a própria "verdade histórica". Na explicação de Victor Serge, em se tratando de Leon, isso se justifica porque "o homem está a tal ponto inserido no acontecimento, que é dele inseparável" ("Vida e morte de Trotsky", Editora Ensaio, São Paulo, 1992). Em outros termos, é isso o que o próprio caluniado avaliou na nota 35 da carta:

"A respeito do meu trabalho militar (...) tenta-se igualmente, sob a direção de Stalin, refazer toda a história da guerra civil, com o único fito de combater o 'trotskismo', ou, mais exatamente, Trotsky. Falar da criação do Exército Vermelho, e de minha atuação nessa tarefa, seria escrever a história da guerra civil" (obra citada, p. 33).

Por isso, é impossível minimizar o seu papel, omitir a sua presença ou transformá-lo em inimigo, sem deformar a realidade. Como atribuir-lhe uma atuação passiva na direção do Soviete de Petrogrado, apagá-lo da presidência do Comitê Militar Revolucionário, chamá-lo de "menchevique" e acusá-lo de "agente da burguesia", provando ser essa a "narração verídica" dos acontecimentos? Enfim, Trotsky sabia que era preciso replicar todas essas acusações escapando, primeiro, da armadilha

do foco "pessoal": o propósito de Stalin, com esse expediente retórico, era desviar a atenção do caráter político das divergências. Para responder na "primeira pessoa do singular", sem comprometer o "efeito de objetividade" da argumentação, o acusado diz o seguinte na nota 10 da carta:

"Recentemente, não sei qual 'historiador marxista' da nova escola esforçou-se por descobrir desacordos entre Lenin e mim a respeito das jornadas de Julho. (...) É preciso dominar o asco para refutar tais falsificações. Não me apoiarei em recordações, limitar-me-ei a recorrer aos documentos" (obra citada, p. 10).

É emblemática sua constatação de que "é preciso dominar o asco para refutar" as mentiras: o tom "passional" deslocaria o foco do "plano do conteúdo" para o da "expressão", já que o "histrionismo" é inimigo da "razão". Para evitar o "efeito de subjetividade" – que enfraqueceria o poder de convencimento de sua réplica – desprezou as "recordações", restringindo-se aos "documentos", cujo valor probatório é evidentemente muito maior. Nos limites desta série de artigos, não nos interessa entrar em detalhes sobre a polêmica das "Jornadas de Julho": a finalidade é, a partir de exemplos pontuais, ilustrar a tese sobre o "assassinato político" de Trotsky pelos órgãos burocráticos da "Agência Stalin", para que a contrarrevolução triunfasse. Como apontamos, o êxito de Josef dependia da crença de que ele era o legítimo sucessor de Vladimir Ulianov: por isso, logicamente, seu adversário deveria ser "rival" deste também. Não por outro motivo, Leon afirmou que a "nova escola esforçou-se por descobrir desacordos entre Lenin" e ele: foi exatamente para identificá-lo como o suposto grande inimigo do "leninismo", aliás, que os "coveiros da revolução" fabricaram o "trotskismo". A nota 45 é a que melhor comprova a farsa,

atestando o grau de confiança que o líder bolchevique depositava, na verdade, no maior inimigo do "stalinismo":

"Estou, porém, de posse de um documento que vale por cem outros. (...) Por iniciativa própria, Lenin entregou-me uma folha em branco embaixo da qual figuravam as linhas seguintes: 'Camaradas, conhecendo o rigor das ordens do camarada Trotsky, estou de tal modo persuadido, tão absolutamente convencido da justiça, da oportunidade e da necessidade, no interesse da causa, da ordem dada pelo camarada Trotsky, que a aprovo inteiramente. (...) Hoje se divulgam tantas histórias sobre a minha atitude com referência a Lenin e, o que é mais importante, sobre a atitude de Vladimir Ilitch a meu respeito, que desejaria que alguém me mostrasse uma folha em branco como esta, com a assinatura de Vladimir embaixo, e onde ele declare aprovar antecipadamente toda decisão, qualquer que seja - quando desta decisão dependeria muitas vezes não somente a sorte de certos comunistas, mas coisas muito mais graves" (obra citada, p. 40).

Apesar de Trotsky estar esclarecendo outra "polêmica" na nota 12, a importante ressalva feita lá funciona perfeitamente aqui:

"Sabe-se que Lenin não pecava por excesso de confiança nos indivíduos quando se tratava de ideias ou da atitude política a tomar em circunstâncias difíceis" (idem, p. 11).

Essa relação de cumplicidade entre eles, documentada nas páginas de "A Revolução Desfigurada", é também retratada por Victor Serge na biografia de Leon. Mas, como o foco narrativo é outro – já que o narrador é "observador", não "personagem" – permite-nos enxergar "de fora", com maior distanciamento, os três em cena:

"Stalin enviou um memorando ao Comitê Central, denunciando a direção da guerra. Trotsky apresentou sua demissão. O Comitê Central a recusou, em 5 de julho de 1919, reafirmando sua plena confiança nele e lhe atribuindo mais amplos poderes – e essa importante decisão foi assinada por Stalin, assim como por outros membros presentes. Foi durante essas discussões que Lenin deu a Trotsky a maior prova de confiança que poderia lhe dar. (...) Durante uma sessão do bureau político, Lenin estendeu a Trotsky uma folha de papel, dizendo-lhe: 'Darei a você quantas quiser!' Embaixo da folha em branco, Lenin tinha escrito e assinado (...)" ("Vida e Morte de Trotsky", p. 108).

Ainda que os fatos sejam importantes, aqui não é possível entrar em detalhes desse capítulo da "guerra civil". O que essas divergências "conjunturais" manifestam, em síntese, é a incompatibilidade "estrutural", de princípios, entre Trotsky e Stalin, que já indiciava a luta que travariam em 1927, quando Lenin já estava mumificado no Mausoléu da burocracia.

17. A foto do grande mágico Stalin no cartaz do "Circo de Moscou"

Na sala de espelhos do circo armado pela trupe burocrática, o "trotskismo" foi inventado para que o real inimigo do "marxismo-leninismo" jamais pudesse ser reconhecido como o próprio Stalin: tudo o que era "refração", portanto, foi disfarçado, para que parecesse "reflexo" direto do velho bolchevismo. Em outras palavras (Marx explica), para a manutenção da farsa, a "essência" contrarrevolucionária não poderia ser revelada: afinal, se o "valor" oculto viesse à tona, o "fetiche stalinista" seria desfeito, a "ilusão fantasmagórica que governava os homens" não convenceria mais. O "mágico" Josef e seus assistentes, então, valeram-se de todos os artifícios para conseguir enganar o público: do "ventriloquismo" ao

"desaparecimento" de pessoas, tornaram-se célebres na arte da "hipnose coletiva". No primeiro número da longa noite desse sinistro espetáculo, o ventríloquo Stalin, com a "múmia" de Lenin no colo, fez a plateia crer que as calúnias contra Trotsky saíam mesmo daquela boca que já se fechara para sempre. Nas "relações invertidas" dessa "câmara obscura", entretanto, o que não se podia ver é que Stalin é quem sentava no colo de Lenin, quando o líder bolchevique ainda estava bem vivo, com a boca bem aberta e a língua bem afiada. Colocar palavras em sua boca depois – como explica um dos "provérbios do inferno" do poeta William Blake – não foi difícil: afinal, "um cadáver não revida agravos". Para enxergarmos melhor os bastidores em que essa "mágica" foi sendo preparada, o texto "Stalin, Lenin e o marxismo-leninismo", de Valentino Gerratana, fornece estas lentes:

"Para Stalin, todavia, o que será determinante na especificação do seu papel histórico é, indubitavelmente, sua relação com Lenin. De resto, é exatamente a partir do início de tal relação que se pode dispor de precisas fontes documentais para avaliar o pensamento staliniano (...). Em 1946, ao apresentar o primeiro volume do conjunto de suas 'Obras', o próprio Stalin – para justificar algumas divergências em relação às posições de Lenin (...) – convidava a que se julgassem seus escritos daquele período como 'trabalhos de um jovem marxista que não era ainda um marxista-leninista completamente formado. Porém, essa justificação parece menos óbvia quando, além de admitir a 'insuficiente preparação teórica do jovem marxista', ele punha em causa 'a indiferença, própria dos práticos em face das questões teóricas'. (...)" ("História do Marxismo", volume IX, Paz e Terra, 1987, p.224).

Esse trecho faz uma síntese reveladora de algumas bases de fundação do tal "marxismo-leninismo", que serviu de sustentáculo ideológico do "circo de horrores"

da burocracia: mostra que, por meio da associação entre as imagens de Stalin e Lenin, o georgiano pretendia criar a impressão de que representava a continuidade "natural" do antecessor. O objetivo, evidentemente, era que o carisma de um fosse transferido ao outro: o parasita precisava nutrir-se da confiança que os trabalhadores tinham no líder morto para legitimar seu poder absoluto, justificando as arbitrariedades do regime. O texto de Gerratana ajuda a compreender a lógica que regia o raciocínio do usurpador, a estrutura de seu pensamento, os artifícios retóricos de seu discurso. As divergências com Lenin, por exemplo, foram de responsabilidade exclusiva de um outro Stalin: o "jovem marxista" foi absolvido pelo "velho marxista". com o álibi de que seus erros resultavam da "insuficiente preparação teórica". É sintomático que um Stalin tenha se referido ao outro na terceira pessoa: esse recurso foi usado para produzir impressão de "distanciamento", efeito de "objetividade". Para os leitores inocentes, o trecho pode parecer de fato um exercício sincero de "autocrítica": a sutileza, contudo, é que o enunciador quis se desvencilhar em definitivo daquele "que não era ainda um marxista-leninista completamente formado", para fabricar, então, o autorretrato do "leninista integral" (como disse em outro texto, já citado aqui). Vale sublinhar duas marcas enunciativas que denunciam o "ethos" construído no discurso stalinista: "ainda" e "completamente". O termo adverbial "ainda" deixa pressuposta a mudança de estado: o "jovem marxista" inexperiente se tornaria, na maturidade, o sábio "velho bolchevique" que assina a introdução das "obras". O advérbio "completamente" implica a noção de "absoluto", de "totalidade": como a "completude" pressupõe o fim do processo, significa ausência de movimento, "estaticidade". Não por mera coincidência, esses "valores" que estruturam o discurso verbal (oral e escrito) também organizam o discurso visual do stalinismo. O retrato de Josef, não à toa,

evoca o imaginário hagiográfico da Igreja Ortodoxa: a "cultura medieval" é regida pelos valores do "absoluto", da "totalidade", da "estaticidade" (conforme ensina o semioticista luri Lótman). Enfim, o "pensamento stalinista", como se manifesta na superfície do texto, é "escolástico", não "dialético": um equívoco metodológico fundamental para quem se proclama "marxista-leninista completamente formado". É muito simbólico que Lenin tenha sido "mumificado" e exposto como "santo" no Mausoléu; que Stalin o tenha transformado em escultura, em estátua, em cartaz, em selo, em medalha. Isso revela o negativo do retrato: o "velho bolchevique" ditador jamais deixou para trás o "jovem seminarista" georgiano. A cruzada contra os hereges "trotskistas", sob a bandeira do "marxismo-leninismo", não é apenas uma metáfora nessa história. A sorte dos "fiéis" do "Grande Pai", enfim, parece que estava gravada naquele "provérbio do inferno" de Blake: Trotsky só foi mesmo combatido como "inimigo" de Lenin porque "um cadáver não revida agravos". Mas esse combate, desleal, não foi travado no campo "teórico": afinal, retomando Gerratana para fechar com Blake, "os práticos, fracos em teoria, são fortes em astúcia". Por isso, Stalin teve que se aprimorar na arte do "ilusionismo" para fazer Trotsky desaparecer.

18. O retrato da "múmia" na câmara do "coveiro da revolução"

Por onde anda Josef Júnior, aquele poeta stalinista que me expurgou do face? Arrogante, presunçoso, não teve estofo para replicar minhas críticas aos absurdos que posta. Quem o conhece, diga-lhe que responda a cada um dos meus 18 textos desmascarando o ditador!

O semiólogo Roland Barthes dizia que as ideias, quando adquirem "estado sólido", viram "estereótipo". Tomando essa síntese aforismática como gancho, a invenção do "marxismo-leninismo" pelos ideólogos stalinistas solidificou a dialética de Marx, estereotipou a política de Lenin. O processo de "mumificação" do líder bolchevique, a sua transformação em estátua, a "reprodutibilidade técnica" (nos termos de Walter

Benjamin) de sua imagem em cartazes, selos e medalhas, enfim, tornam mais visível o mecanismo subterrâneo da nova ordem ideológica dos "coveiros da revolução". Aliás, com a pertinência do trocadilho, a metáfora de Trotsky tem todo o fundo de verdade, como se reverberasse a própria voz de Lenin protestando contra a sua "canonização":

"Para livrar-se do caráter internacional do marxismo, conservando-lhe fidelidade em palavras, até nova ordem, era preciso, em primeiro lugar, voltar as armas contra os que foram os sustentáculos das ideias da Revolução de Outubro e do internacionalismo proletário. No caso, o primeiro lugar pertence a Lenin. Mas Lenin morreu (...). Ele não pôde, portanto, defender a obra de sua vida. Os epígonos recortaram seus livros em citações e foi com esta arma que começaram a combater o Lenin vivo, ao mesmo tempo que levantavam mausoléus, não só na Praça Vermelha, mas na consciência do Partido. Como prevendo a sorte que caberia, dentro em pouco, às suas ideias, Lenin começou seu livro O Estado e a Revolução pelas palavras seguintes, consagradas ao destino dos grandes revolucionários (...)" ("A Revolução Desfigurada", Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979, p. XVI).

Como Leon não citou, de fato, o início do primeiro capítulo da obra, as palavras "proféticas" de Ulianov sobre o seu destino "post mortem" foram as seguintes:

"Dá-se com a doutrina de Marx, neste momento, aquilo que, muitas vezes, através da História, tem acontecido com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos dirigentes do movimento libertador das classes oprimidas. Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas campanhas de mentiras e difamação por parte das classes dominantes. Mas, depois da sua morte, tenta-se convertê-los em

ídolos inofensivos, canonizá-los por assim dizer, cercar o seu nome com uma auréola de glória, para 'consolo' das classes oprimidas e para o seu ludíbrio, enquanto se castra a substância de seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o gume, aviltando-o" (Lenin, "O Estado e a Revolução", Expressão Popular, 2007, p. 25).

Alguns exemplos já nos mostraram, nos tópicos anteriores, que qualquer semelhança não é mera coincidência: Stalin se apropriou indebitamente do pensamento de Marx e de Lenin, castrando e aviltando a "substância de seu ensinamento revolucionário". Na "câmara escura" da burocracia, a "dialética" serviu de máscara para a "escolástica", como a política "leninista" funcionou como salvoconduto para a contrarrevolução. A propósito, depois de lembrar que Nadejda Krupskaia (a grande companheira do bolchevique morto em 1924) "teve a audácia de lançar essas palavras à face da fração de Stalin", Trotsky denunciou mais uma vez a manobra ideológica:

"A segunda parte da tarefa dos epígonos consistiu em representar a defesa ulterior e o desenvolvimento das ideias de Lenin como uma doutrina hostil a Lenin. O mito do 'trotskismo' prestou este serviço histórico. Será necessário repetir que jamais pretendi nem pretendo criar uma doutrina particular?" ("A Revolução Desfigurada", p. XVII).

Bronstein sabia que essa não era, obviamente, uma "pergunta retórica": do contrário, não precisaria ter escrito a carta e os discursos deste livro, nem "Minha Vida", nem "A Revolução Traída", por exemplo. Se fosse, é claro, não precisaria respondê-la:

"Em teoria sou um discípulo de Marx. Em se tratando dos métodos da revolução, passei pela escola de Lenin".

Trotsky só precisou explicitar que não era "trotskista", mas "marxista" e "leninista", porque sabia que o "traidor" fabricara o "marxismo-leninismo" exatamente para poder acusar a Oposição de Esquerda de "trotskismo". Todo "mito", sabemos, alimenta-se do seu avesso: para legitimar a "cruzada stalinista", os "fiéis" precisavam crer que estavam de fato defendendo os valores revolucionários dos ataques dos "capitulacionistas", dirigidos por Leon. Para recorrer a outra fonte propagadora das versões falsificadas da Revolução, citemos um trecho do "Posfácio da edição soviética" (de 1957) da obra "10 dias que abalaram o mundo", de John Reed:

"As ideias de Lenin impuseram-se após uma luta encarniçada contra os oportunistas, que não acreditavam nas forças da revolução proletária, na possibilidade de sua vitória na Rússia. (...) Trotsky opunha à teoria leninista da revolução proletária, da vitória do socialismo num só país, a sua palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa, palavra de ordem que decorria da sua teoria derrotista da revolução permanente. (...)" (Edições Sociais, Editora Alfa-Omega, São Paulo, s.d, p. 17-21).

Poderíamos contestar essas calúnias por meio de várias réplicas do acusado: mas, para que não restem dúvidas, melhor citar o próprio Lenin. Em 1920, no terceiro aniversário de Outubro e primeiro da III Internacional, ele escreveu a obra "Esquerdismo, doença infantil do comunismo". Logo na primeira página, eis a prova da farsa:

"Atualmente já possuímos uma experiência internacional bastante considerável, experiência que demonstra, com absoluta clareza, que alguns dos aspectos fundamentais da nossa revolução não têm apenas significado local, particularmente nacional, russo, mas revestem-se, também, de significado internacional. (...) não

são apenas alguns, mas sim todos os aspectos fundamentais – e muitos dos secundários – da nossa revolução que têm significação internacional quanto à influência que ela exerce sobre todos os países. Não, refiro-me ao sentido mais estrito da palavra, isto é, entendendo por significado internacional a sua transcendência mundial ou a inevitabilidade histórica do que aconteceu no nosso país se repita em escala universal, significado a ser reconhecido em alguns dos aspectos fundamentais da nossa revolução" (Expressão Popular, São Paulo, 2014, p. 43).

Confrontando a voz de "Lenin vivo" com a de sua "múmia", quem está dizendo a verdade? Para acreditar no "posfácio da edição soviética", só provando que é possível mudar de opinião depois da morte. Vladimir I. Ulianov era "internacionalista", mas sua múmia defendeu a "teoria leninista da vitória do socialismo num só país". Na lógica perversa da "Agência Stalin", enfim, é sempre tempo de trocar de lado: se Trotsky tivesse compreendido essa "verdade", estaria junto como os "velhos bolcheviques" no retrato de Outubro.

19. O retrato de Outubro na câmara da "verdade" de Reed

Em 25 de outubro de 1917, nasceu o primeiro Estado operário da História: viva a Revolução! Damos sequência à série comemorativa com este capítulo 19.

O livro "10 dias que abalaram o mundo", de John Reed, é o primeiro relato histórico sobre a Revolução de Outubro: o jornalista americano foi um dos fundadores do Partido Comunista dos Trabalhadores nos EUA e delegado da Internacional Socialista. Em 1917, esteve na Rússia e registrou a conquista do poder pelos bolcheviques. Como "testemunha ocular" dos fatos, compartilhou da preocupação

de Victor Serge - na biografia de Trotsky - de fazer uma "narração verídica dos acontecimentos", "sob o ângulo da verdade". No prefácio, justificou não só esse propósito, mas também - sobretudo - seus limites de realização:

"Este livro é um pedaço da história, da história como eu a vi. Não pretende senão ser um relato pormenorizado da Revolução de Outubro, isto é, daqueles dias em que os bolcheviques, à frente dos operários e soldados da Rússia, tomaram o poder e o puseram na mão dos sovietes. (...) sou forçado a limitar-me a uma crônica dos acontecimentos de que fui testemunha, e nos quais me envolvi pessoalmente, ou que conheci de fontes seguras. Qualquer que seja a nossa opinião sobre o bolchevismo, é inegável que a Revolução Russa foi um dos grandes acontecimentos da História da Humanidade e que a subida dos bolcheviques ao poder é um fato de importância mundial. Da mesma forma que os historiadores se ocupam em reconstituir, nos mínimos pormenores, a história da Comuna de Paris, assim eles também desejarão conhecer o que se passou em Petrogrado (...), qual era o estado de espírito do povo, a fisionomia dos seus chefes, suas palavras, seus atos. Foi pensando neles que escrevi este livro. No curso da luta, minhas simpatias não eram neutras. Mas, ao traçar a história desses grandes dias, quis considerar os acontecimentos (...), esforçando-me para fixar a verdade (Global, 1978, p. 11-15).

Essas palavras localizam bem os pressupostos que fundamentam o debate sobre a construção da memória histórica e a luta pela "verdade" de Outubro: o autor questionou os frágeis limites entre a "realidade" e a "ilusão", entre a "história" e a "ficção"; jogou luz sobre as tênues fronteiras entre a "essência" e a "aparência", entre a "objetividade" e a "subjetividade". Ao apresentar o livro como "um pedaço da história" – fazendo a ressalva "como eu vi" – problematizou a complexa relação entre a

"totalidade" e a "parcialidade": nos trechos "minhas simpatias não eram neutras" e "esforçando-me para fixar a verdade", assumiu, enfim, a impossível isenção ideológica. Entretanto, é necessário sublinhar que a relativização de Reed não significa "relativismo": as informações das "fontes seguras", cotejadas com os acontecimentos que presenciou, serviram-lhe de "lentes objetivas" para tentar se aproximar do "real" e "fixar a verdade" na obra. Em outros termos, parafraseando Roland Barthes, se toda história, no fundo, "é um romance que não ousa confessarse" (como uma "biografia"), isso não quer dizer que não existe possibilidade de registrar a "história". O argumento de que tudo o que se escreve será sempre "ficção", para não se deixar seduzir pelo "relativismo" fácil, deve ser compreendido dialeticamente, no processo de construção ideológica. O próprio Barthes, aliás, forneceu o antídoto para o veneno da superficialidade interpretativa em outra aforismática: "o sentido é síntese produzido pela História, não pela Natureza" ("Roland Barthes por Roland Barthes", Estação Liberdade, São Paulo, 2003, p. 101). Com sutileza, o semiólogo mostra que a "história", vista pelo senso comum como reflexo da "natureza", é quem de fato a constrói: a "verdade" do "real" é produzida pelo discurso; a "evidência" é um efeito de linguagem. Atento a isso, enfim. Reed não quis esconder do leitor a inevitável "parcialidade" constitutiva de todo relato histórico: admitindo-a como ponto de partida, buscou superá-la dialeticamente, para construir uma impressão de "totalidade". Contrariamente à visão "escolástica" stalinista, vale destacar que "totalidade" não é, aqui, sinônimo de "absoluto": o livro é um "pedaço da história" como o repórter a viu. Para privilegiar a "objetividade" sem desconsiderar a "subjetividade", a conjunção adversativa "mas" cumpre um papel fundamental: ao dizer "sou forçado a limitar-me a uma crônica dos acontecimentos", o revolucionário tentou minimizar as suas "simpatias [que] não

eram neutras", "para traçar a história [daqueles] grandes dias". Conforme ensina a teoria da argumentação, o que é afirmado depois do "mas" tem maior peso argumentativo: assim, é como se a "pessoalidade" do prefácio deixasse o primeiro plano, cedendo espaço para a "impessoalidade" do relato jornalístico (em que predomina a enunciação em terceira pessoa). Nessa perspectiva, o jornalista habilmente recorreu ao "argumento por comparação" com os "historiadores [que] se ocupam em reconstituir, nos mínimos pormenores, a história da Comuna de Paris": a obra foi escrita com o propósito de servir como "documento" para os historiadores da Revolução Russa. Aliás, depois do "Prefácio do Autor", há outro texto, "Explicações Preliminares", cumprindo a função de legitimar o caráter "documental" do relato. Para produzir "efeito de objetividade", "impressão de real", Reed expôs ao leitor as suas "provas": além das anotações pessoais, consultou diversos jornais russos, "formando uma série quase completa do período descrito" (obra citada, p.31), o periódico inglês "Russian Daily News" e os tablóides franceses "Journal de La Russie" e "Entente". Preocupado em consolidar as bases de julgamento do "valor de verdade" dos fatos que narrou, defendendo-se dos críticos por antecipação, finalizou as suas "Explicações" apresentando estas provas de maior força documental:

"Incomparavelmente mais precioso do que esses me foi o Bulletin de la Presse, publicado diariamente pelo Escritório Francês de Informações, em Petrogrado, que relata todos os acontecimentos importantes e cita os discursos e os comentários da imprensa russa. Possuo, dele, uma série quase completa, que vai da primavera de 1917 ao fim de janeiro de 1918. Além disso, possuo também quase todas as proclamações, decretos ou avisos fixados nos muros de Petrogrado (...). E fazem parte da minha coleção os textos oficiais de todos os decretos e ordens governamentais e os textos originais dos tratados secretos do Governo e outros

documentos do Ministério das Relações Exteriores, quando os bolcheviques nele se instalaram" (obra citada, p. 31).

O relato jornalístico de John Reed, portanto, resultou de um cruzamento de distintos gêneros textuais, de diferentes vozes sociais, de diversos olhares sobre os "mesmos" acontecimentos. Em busca do "ângulo da verdade", para poder fazer a "narração verídica" de Outubro, ele recorreu, por exemplo, a anotações pessoais, jornais, proclamações, decretos, avisos, tratados, discursos e comentários. Nas centenas de periódicos russos, acompanhou, sob vários pontos de vista, o desenvolvimento das ações e as reações na "arena da luta de classes" (na expressão do linguista soviético Mikhail Bakhtin): ouviu os argumentos dos menchevigues, dos kadetes, dos socialistas-revolucionários, dos bolcheviques. Além da "polifonia" russa (que Bakhtin leu em Dostoiévski), escutou as vozes exteriores de ingleses e franceses, ecoando exatamente dos países que formaram com a Rússia a alianca imperialista da Primeira Guerra: sem "olvidar" (com a licença do trocadilho) que o próprio repórter, egresso dos EUA, também era estrangeiro. É por meio desse amplo repertório de fontes e documentos, enfim, que John Reed fez o retrato daqueles "10 dias que abalaram o mundo": a fotografia do primeiro Estado operário da História, nascido em 25 de outubro de 1917. O retratista morreu em 1919: não viu, portanto, o que a "Agência Stalin" faria dessa foto.

PS: Há exatos 100 anos, Reed viu a Rússia ficar red! Celebremos a memória revolucionária neste 25 de outubro!

20. Os "retoques" do posfácio da "Agência Stalin" nos "retratos" de Lenin e Trotsky: outros "10 dias que abalaram o mundo"

No 18° artigo desta série dedicada à reabilitação da memória de Leon Trotsky e à restituição da verdade histórica de Outubro, vimos a "múmia" de Lenin, na câmara dos "coveiros da revolução", funcionando como ícone ideológico da ditadura burocrática. Esse "leninismo integral" fabricado pelos stalinistas era evidentemente "hostil a Lenin", conforme Trotsky diagnosticou: para que os falsificadores não fossem desmascarados, precisaram inventar o "trotskismo" como adversário do "marxismo-leninismo". Exemplificamos, então, com um trecho do posfácio de 1957 da "Agência Stalin" para a edição russa da obra "10 dias que abalaram o mundo". Vale relembrar, aqui, esta passagem reveladora:

"Trotsky opunha à teoria leninista da revolução proletária, da vitória do socialismo num só país a sua palavra de ordem que decorria da sua teoria derrotista da revolução permanente (...)" (obra citada, p.21).

Para desmentir a acusação infundada, recordamos que Lenin, ainda bem vivo, sempre defendeu o internacionalismo revolucionário, conforme explicou neste trecho de "Esquerdismo, doença infantil do comunismo":

"(...) refiro-me ao sentido mais estrito da palavra, isto é, entendendo por significado internacional a sua transcendência mundial ou a inevitabilidade histórica do que aconteceu no nosso país se repita em escala universal" (obra citada, p. 43).

É importante lembrar também que esse livro - o último do ideólogo bolchevique - foi publicado em 1920, com finalidade política e organizativa: o foco era a consolidação

da Revolução Russa e a construção da III Internacional. Posto isso, no confronto entre os textos, é inequívoco que seu pensamento foi falsificado no posfácio da obra de Reed: os stalinistas, novamente, usaram Vladimir Ulianov como escudo para proteger a tese antimarxista do "socialismo num só país" contra a teoria da "revolução permanente" dos "trotskistas". Retomemos, aliás, este trecho do diagnóstico preciso de Trotsky em "A Revolução Desfigurada":

"Para livrar-se do caráter internacional do marxismo (...) era preciso, em primeiro lugar, voltar as armas contra os que foram os sustentáculos das ideias da Revolução de Outubro e do internacionalismo proletário" (obra citada, p. XVI).

Para confirmar a farsa do posfácio de 1957 com mais um texto, Victor Serge comentou, a respeito dessa "teoria leninista" dos stalinistas, o seguinte:

"A controvérsia fundamental, em matéria de doutrina socialista, relacionava-se com a nova tese da construção do socialismo num só país, erigida em dogma pelo bureau político. (...) O pensamento socialista era desmentido, traído, pela negação implícita da divisa das internacionais: 'Proletários de todos os países, uni-vos.' Caía-se numa sociologia oficial e infantil. Num século, o modo de produção capitalista se impôs ao mundo inteiro, ele é internacional, já que repousa sobre o mercado internacional. (...) Os textos de Marx, citados em profusão, refutavam a tese da burocracia; para a impor, era preciso falsificar e simplificar os ensinamentos marxistas (obra citada, p. 189–190).

Ironicamente, enxergamos aí o próprio Marx "de cabeça para baixo" na "câmara escura" de Stalin. Para duplicar a ironia, o mesmo Lenin que enxergou as falsificações da "doutrina de Marx" pelos "renegados kautskistas", em "O Estado e a Revolução", não enxergou que a sua imagem também seria invertida, mas pelos

"renegados stalinistas". Não é demais lembrar um pequeno trecho de uma passagem citada no 18° artigo, na qual o bolchevique asseverou que, após a morte dos grandes revolucionários,

"tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, canonizá-los (...) para 'consolo' das classes oprimidas e para o seu ludíbrio, enquanto se castra a substância de seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o gume, aviltando-o" (obra citada, p. 25).

Parafraseando Trotsky, o "marxismo-leninismo" fabricado pela "Agência Stalin", adversário do internacionalismo revolucionário, é hostil tanto a Marx quanto a Lenin (ainda no presente, porque o stalinismo, mesmo debilitado, não morreu). Obviamente, também ao próprio Leon, que já não pôde mais se defender das velhas mentiras sobre os "10 dias que abalaram o mundo" repetidas à exaustão no posfácio de 1957: afinal, o stalinismo roubou-lhe a vida em 1940, para silenciá-lo e seguir falsificando a história impunemente. Por isso, a reabilitação da memória de Trotsky (e as de Marx e Lenin) implica voltar ao prefácio e reescrever o posfácio da Revolução.

21. O confronto do posfácio stalinista com os prefácios de Reed, Lenin e Krupskaia nos "10 dias que abalaram o mundo"

No 19° artigo, destacamos os argumentos do prólogo de Reed em defesa do "valor de verdade" do seu relato histórico, por meio da apresentação de diversas fontes fidedignas e documentos oficiais, para conferir à narrativa "efeito de sentido de objetividade". O jornalista apresentou essas "provas" – atestando a veracidade dos acontecimentos – com o desejo expresso de que sua obra servisse de referência aos

historiadores da Revolução de Outubro. O prefácio de 1919, para a primeira edição nos EUA, foi escrito por Lenin: o líder bolchevique confirmou os fatos relatados por Reed. Considerando o peso desse "argumento de autoridade", a sua relevância para o debate e a brevidade do texto, vamos transcrevê-lo na íntegra:

"Com imenso interesse e igual atenção li, até o fim, o livro 10 dias que abalaram o mundo", de John Reed. Recomendo-o, sem reservas, aos trabalhadores de todos os países. É uma obra que gostaria de ver publicada aos milhões de exemplares e traduzida para todas as línguas, pois traça um quadro exato e extraordinariamente vivo dos acontecimentos que tão grande importância tiveram para a compreensão da Revolução Proletária e a Ditadura do Proletariado. Em nossos dias, essas questões são objeto de discussões generalizadas, mas, antes de se aceitarem ou se repelirem as ideias que representam, torna-se necessário que se saiba a real significação do partido que se vai tomar. O livro de John Reed, indubitavelmente, ajudará a esclarecer o problema do movimento operário internacional" (obra citada, p. 7).

Antes de comentar essa avaliação da obra, é importante lembrar também o prefácio de 1923, para a primeira edição na URSS, escrito por N. Krupskaia, a pedagoga revolucionária, companheira de Lenin, que integrou o "Comissariado do Povo de Instrução Pública". Vejamos alguns trechos de sua análise:

"É um livro que recorda, com uma intensidade e um vigor extraordinários, os primeiros dias da Revolução de Outubro. Não se trata de uma simples enumeração de fatos, de uma coleção de documentos, mas de cenas vivas, tão típicas que não

podem deixar de evocar, no espírito de todas as testemunhas da revolução, aquelas cenas idênticas a que todos assistiram. Todos esses quadros tomados ao vivo traduzem, da melhor forma possível, o sentimento das massas, e permitem apanhar o verdadeiro sentido dos diferentes atos da grande revolução (...). O livro de Reed oferece um quadro autêntico da revolta" (obra citada, p. 9).

Em nome dos princípios jurídicos do "contraditório" e da "ampla defesa", neste julgamento das falsificações da "Agência Stalin", é necessário ouvir o "réu", para que o leitor, como "jurado", forme livremente seu convencimento. Com a palavra, então, o posfácio da edição soviética de 1957:

"A lógica implacável dos acontecimentos históricos obrigou os defensores de uma atitude capitulacionista a falarem e agirem contra suas convicções. (...) Reed engana-se quando afirma que 'só Lenin, Trotsky, os operários de Petrogrado e os simples soldados é que sustentaram a ideia de que os bolcheviques conservariam o poder por mais de três dias'. (...) Tais insuficiências, bem como outras imprecisões que existem no livro de John Reed, entretanto, têm apenas um caráter parcial, e não influem na apreciação da obra, considerada um documento literário notável pelo seu valor, expondo a verdade sobre a Revolução Socialista de Outubro" (obra citada, p. 21–22).

No artigo anterior, destacamos uma das acusações mentirosas que o posfácio fez a Trotsky - falsificando, obviamente, o pensamento de V. I. Ulianov - para contestá- la por meio de excertos de outros livros (de Marx, de Lenin, de Victor Serge e do próprio Leon). Agora, podemos nos limitar aos "10 dias que abalaram o mundo": o

confronto entre os três prefácios e o posfácio basta para comprovar o engodo dos "coveiros da revolução". No primeiro, o autor mostrou as provas documentais que fundamentaram o relato. No segundo, Lenin deu o lastro de credibilidade à narração. No terceiro, Krupskaia corroborou a leitura de ambos. O prefácio do bolchevique não deixou margem a dúvidas: do contrário, não indicaria o livro "sem reservas", não o consideraria um "quadro exato e extraordinariamente vivo dos acontecimentos". Se houvesse qualquer hesitação, Krupskaia não apresentaria a obra atestando que "oferece um quadro autêntico da revolta", porque "apanha o verdadeiro sentido dos diferentes atos da grande revolução". Nenhum dos dois leitores, portanto, acusou qualquer "imprecisão" ou "inconsistência" no texto. Entretanto, 40 anos depois de 1917 (30 anos após a expulsão de Trotsky do Partido), o posfácio denunciou, no plural, "imprecisões" e "inconsistências" do autor. A justificativa dada ilustra bem o autoritarismo "clarividente" dos historiadores "absolutistas" da "Agência" do "Grande Pai":

"Em virtude das condições em que John Reed teve que trabalhar para recolher e interpretar documentos destinados ao seu livro, não pôde estudar de forma suficientemente concreta e verídica a atividade dos centros bolcheviques do partido durante a preparação da insurreição e durante a própria insurreição, pois essa atividade (...) foi clandestina. Essa a razão pela qual é natural que a luta encarniçada travada por Lenin e seus companheiros contra os capitulacionistas e contra a linha tática de Trotsky não se reflita suficientemente no livro de Reed, e essa razão pela qual ele não pôde discernir as contradições que se manifestavam

nas intervenções de Trotsky nos primeiros dias da Revolução de Outubro" (obracitada, p. 22).

Façamos uma breve análise para desvendar algumas distorções desse texto. A começar pela locução prepositiva "em virtude de", que estabelece uma relação causal entre os enunciados: as "condições em que John Reed teve que trabalhar para recolher e interpretar documentos" seriam a causa que produziria, como efeito, a insuficiência de estudo sobre particularidades da revolução. Quais eram essas "condições", todavia, os farsantes não explicaram, como também não esclareceram por que o farto material de pesquisa "recolhido" não teria bastado. Sem base argumentativa, pois, concluiu em termos categóricos que o jornalista "não pôde estudar de forma suficientemente concreta e verídica" a atuação dos bolcheviques. O que isso significa, porém, não foi justificado: o que seria a tal forma "concreta", se Reed foi testemunha ocular dos acontecimentos, vivenciandoos, logo, "concretamente"? Qual seria o parâmetro para definir a forma "suficiente", o critério para definir com precisão a "verdade"? Sobre o argumento de que "a atividade dos centros do partido foi clandestina", Reed teve acesso inclusive aos "textos originais dos tratados secretos do Governo e outros documentos do Ministério das Relações Exteriores" (obra citada, p.31). Essa informação desautoriza a tese das "insuficiências" e "imprecisões": aliás, que Lenin e Krupskaia não apontaram em seus prefácios, considerando que ele enxergou na obra um "quadro exato", e ela, um "quadro autêntico da revolta". Ainda que Reed tivesse se "enganado", como afirmou a "Agência Stalin", Lenin não: além de conhecer bem os meandros da "atividade clandestina", não desconhecia o teor e a profundidade das

divergências. Como não teria percebido "a luta encarniçada travada por [ele] e seus companheiros contra os capitulacionistas"? O posfácio se esqueceu de mencionar este importante trecho das "Explicações Preliminares": "Os chefes dos bolcheviques são Lenin, Trotsky e Lunatcharski" (obra citada, p.27). Se Leon Trotsky fosse o "inimigo" voraz de Lenin na "luta encarniçada" às vésperas de Outubro, por que este não teria contestado uma informação tão relevante para a verdade histórica? Como explicar que um "capitulacionista" fosse o líder do "Comitê Militar Revolucionário", porta-voz da tomada do poder? Lenin afirmou que leu Reed do começo ao fim. Certamente notou a seguinte passagem sobre o II Congresso Pan-Russo dos Sovietes, no histórico dia 25 de outubro:

"Riazanov e Kamenev opunham-se à insurreição, e tinham sido, por isso, severamente criticados por Lenin. A sessão foi decisiva. Em nome do Comitê Militar Revolucionário, Trotsky declarou que o Governo Provisório não existia mais.

-Todos os governos burgueses, dizia ele, têm a característica de sempre enganar o povo. Nós, o Soviete dos Deputados Operários, Soldados e Camponeses, vamos fazer uma experiência sem precedentes na história. Vamos criar um governo cuja finalidade será satisfazer as necessidades dos operários, dos soldados e dos camponeses. Lenin foi recebido com imensa ovação" (obra citada, p. 108–109).

Não é necessário esforço para constatar que a acusação do posfácio é inverossímil: Lenin não estaria ao lado de quem era seu oponente numa "luta encarniçada" no momento decisivo da revolução. Se o relato de John Reed estivesse incorreto, o arguto bolchevique, obviamente, teria apontado o erro. Ou melhor, os erros, já que Trotsky é citado 67 vezes no livro: o obscuro Josef, em contrapartida, só teve duas aparições. Agora fica mais evidente a farsa: para que o inconformado coadjuvante pudesse aparecer no retrato como protagonista, o "quadro exato" visto por Lenin teria que ficar ainda "mais exato": a "Agência Stalin", então, eliminou as "imprecisões" e supriu as "insuficiências", impondo aos olhos do leitor um "quadro autêntico" ainda "mais autêntico". O resto é realidade.

Paulo César de Carvalho é professor e militante do MAIS.

AUTOEXAME DE TROTSKI É UM ROMANCE DE FORMAÇÃO

Aurora Bernardini *

O leitor de qualquer ideologia política (e mesmo aquele que - visto os tempos - optou por não ter nenhuma) não deixará de se empolgar com o romance de formação (e de ação) que é esta autobiografia que Trotski (1879-1940) escreveu quando, expulso da Rússia por Stalin - embora Lenin, em seu testamento de 1923, o tivesse indicado como seu sucessor et pour cause...-, se encontrava exilado em Prínkipo (próximo a Istambul), em 1929. Isso porque, além de relatar, em primeira pessoa, os principais fatos sociais e políticos que marcaram o mundo, no começo do século passado, ele o fez com a profundidade e o garbo do estudioso exemplar que sempre foi. Ele o foi tanto nas humanidades quanto nas ciências exatas (queria dedicar-se, na universidade, ao estudo da matemática) e nas ciências aplicadas. Graças a seus conhecimentos de física e de mecânica, conseguiu reer-

Crime "A bi

"A bi meça o princip mas o in cas que rios de

Anexo #1

Autoexame de Trostki é um romance de formação

por Aurora Fornoni Bernardini

O leitor de qualquer ideologia política (e mesmo aquele que – visto os tempos – optou por não ter nenhuma) não deixará de se empolgar com o romance de formação (e de ação) que é esta autobiografia que Trotski (1879–1940) escreveu quando, expulso da Rússia por Stalin – embora Lenin, em seu testamento de 1923, o tivesse indicado como seu sucessor et pour cause... –, se encontrava exilado em Prínkipo (próximo a Istambul), em 1929. Isso porque, além de relatar, em primeira pessoa, os principais fatos sociais e políticos que marcaram o mundo, no começo do século passado, ele o fez com a profundidade e o garbo do estudioso exemplar que sempre foi. Ele o foi tanto nas humanidades quanto nas ciências exatas (queria dedicar–se, na universidade, ao estudo da matemática) e nas ciências aplicadas. Graças a seus conhecimentos de física e de mecânica, conseguiu reerguer as estradas de ferro da Rússia, quando comissário dos Transportes, isso sem contar o método e a estratégia que lhe permitiu – quando comissário da Guerra – transformar um contingente de cerca de 500 mil soldados em um exército de 5 milhões de homens e mulheres bem equipados e terminar com a Guerra Civil.

A tese da revolução permanente, à qual consagrou sua vida, acompanhava pari passu a da educação continuada, à qual se dedicava em cada momento livre de sua engajadíssima existência. É justamente por seu poder intelectual, fruto de suas extensas e meditadas leituras e pela reiterada eficácia de seus métodos organizacionais e administrativos que tanto impressionaram Lenin – de quem foi, mais do que o braço direito, o primeiro colaborador – que não lhe sobrou tempo nem disposição para se dedicar aos compromissos (manipulações) necessários para vencer as intrigas e as decisões do partido sob o domínio de Stalin.

"A biografia de um revolucionário – assim começa o livro – só pode abordar questões teóricas, principalmente nos períodos revolucionários", mas o importante é que essas teorias e as polêmicas que elas envolvem são expressas como corolários de leis gerais que o autor foi descobrindo e comprovando progressivamente. Essa procura de uma lei válida, por baixo das impressões e das aparências, data de sua primeira adolescência, quando ele diz, por exemplo, em relação à infância: "São poucas as crianças cuja infância é feliz. A vida golpeia os fracos e quem é mais fraco que uma criança?"

"Em 1897 – continua – foi pela escrita que eu combati pelas ideias bem determinadas que, desse livro, ocupam a maior parte, e que foram associadas a fatos de minha vida e aos grandes acontecimentos dos quais os leitores conhecem os traços essenciais." (Aos leitores de hoje bastará verificar os detalhes das datas mais importantes em qualquer cronologia de Trotski disponível.)

De fato é a escrita incansável, junto ao dom oratório que inflamava as massas de estudantes e operários, por mais precárias que fossem as condições, que o tornará conhecido no mundo inteiro e temido na Rússia, pelos adeptos de Stalin. "Minha vida foi superabundante de aventuras, porém, eu nada tenho de aventureiro. Meus hábitos são pedantes e conservadores. Aprecio a disciplina e o método; não tolero a desordem e o espírito destrutivo." Na escrita, contudo, como a de sua autobiografia, ele entusiasma: por exemplo, quando descreve os casos de vida ou morte, ou os episódios da Guerra Civil, ou quando se refere à necessidade de decisões súbitas que levam a ações mais que rocambolescas e exigem o sangue frio de um grande estrategista.

O erro que ele mesmo se atribuiu ao ser expulso da escola de Nikolaev, quando foi delatado por um colega por ter defendido um aluno injustiçado: "Defender demais os desvalidos e contar demais com a solidariedade humana" não será, contudo, uma lição, para ele.

Será a descoberta de uma tendência que ele seguirá por toda a vida e que, aliada ao fato de não ter facilidade nem disposição, nem tempo, para os compromissos e as manipulações do poder, será seu limite e marcará seu fim. Sempre ocupado em traduzir em ação eficaz, tanto escrita como concreta, as "ideias determinadas" a que chegava e nas quais depositava a máxima confiança, é vítima do defeito que lhe é atribuído por Lenin, em seu testamento: "O mais capaz é Trotski, seu defeito consiste em uma excessiva confiança em si. Stalin é brutal, desleal, capaz de abusar do poder que lhe dá o aparelho do partido. É preciso eliminar Stalin para evitar uma ruptura." Contudo, o rumo da História foi diferente. "'Mas e o seu destino pessoal?' ouço esta pergunta - diz Trotski em Istambul -, na qual a curiosidade não esconde a ironia. Posso acrescentar pouca coisa ao que já disse neste livro. Não meço o processo histórico com o parâmetro de meu destino pessoal. Bem ao contrário, considero meu destino pessoal não somente objetivamente, mas também subjetivamente, ligado indissoluvelmente à marcha da evolução social (...) A guerra eliminou toda uma geração, construindo um intervalo na memória dos povos. Assim, ela impediu que a nova geração reconhecesse diretamente que, no fundo, apenas repete o que já foi feito pela geração anterior, mas agora num patamar histórico mais elevado e, por conseguinte, com consequências ainda mais ameaçadoras."

A classe operária da Rússia, sob a direção dos bolcheviques, tentou reconstruir a vida de uma forma que ficasse excluída a possibilidade dessas crises violentas de demência, tão características na vida da humanidade. Ela tentou construir as bases de uma cultura mais elevada. Eis o sentido da Revolução de Outubro.

Aurora Bernardini é professora de pós-graduação de literatura russa na USP

TO TO Nos cem anos Russa, autobi Minha Vida, gaper Bernarde Bornarde Paule

autobiografia e o primeiro livro escrilo revolucionário Leon Trotsky após sua
lsão do Partido Comunista em 1927, quados os personagens e fatos históricos cireceberam notas de rodapé: o leitor que
nhece o ambiente político daquele període perfeitamente ignorar as notas e conar-se no texto. A tradução pioneira em
a portuguesa, feita por Lívio Xavier (que,
Mário Pedrosa, fez parte da primeira gedo Trotskysmo no Brasil) é de 1943. Muiua correu debaixo da ponte desde então:
das mudanças linguísticas, os acontecitos se acumularam.

A NOVA EDIÇÃO brasileira de Minha

mações importantes se percam, por desecimento dos nomes e fatos citados ao o das mais de 600 páginas. A contextuato histórica, assim, cumpre um papel funental para a fluência e a fruição da narrasem desprezar o aspecto "recreativo" da ra, esta versão ajusta o foco para que o leienxergue melhor o caráter político do tex-

laro (com a licenca do trocadilho) que isso

ova edição torna o texto mais ágil, deixa ura mais saborosa; as notas evitam que teratura, 1952) escreveu a sua versão do "retrato do artista quando Trotsky":

"Literato de nascença, à medida que ele cresce, o adolescente não se torna o pequeno Rastignac que todos conhecemos. Não deseja sequer fazer carreira na revolução e pela revolução. Quer mudar o mundo, simplesmente".

"Rastignac" é personagem da Comédia Humana de Balzac (o escritor preferido de Marx e de Lenin), representando o homem interesseiro, ardiloso, que usa todos meios para atingir seus fins. Leon, abnegado, representa o contrário, sob o olhar de Mauriac: a revolução não foi pretexto para ele satisfazer a "vontade de poder" ególatra; não esteve a serviço da autopromoção; não se prestou ao culto da personalidade. Essa caracterização é corroborada por Victor Serge, um de seus mais importantes biógrafos: "De capacidades pessoais das quais ele não saberia fazer, desde a adolescência, nenhum uso individualista".

Não foram poucos os homens das letras que lamentaram os sacrifícios "pessoais" que teriam impedido o marxista, voltado exclusivamente à luta revolucionária, de dedicar tempo a projetos literários. Um deles é o grande drama-

Anexo #2

Trostky por Trotsky - nos cem anos da Revolução Russa, autobiografia de Trotsky, "Minha Vida", ganha nova tradução | por Bernardo Boris Vargaftig, Henrique Canary e Paulo César Carvalho. NESTA NOVA EDIÇÃO brasileira de Minha Vida, autobiografia e o primeiro livro escrito pelo revolucionário Leon Trotsky após sua expulsão do Partido Comunista em 1927, quase todos os personagens e fatos históricos citados receberam notas de rodapé: o leitor que já conhece o ambiente político daquele período pode perfeitamente ignorar as notas e concentrar-se no texto. A tradução pioneira em língua portuguesa, feita por Lívio Xavier (que, com Mário Pedrosa, fez parte da primeira geração do Trotskysmo no Brasil) é de 1943. Muita água correu debaixo da ponte desde então: além das mudanças linguísticas, os acontecimentos se acumularam.

A nova edição torna o texto mais ágil, deixa a leitura mais saborosa; as notas evitam que informações importantes se percam, por desconhecimento dos nomes e fatos citados ao longo das mais de 600 páginas. A contextualização histórica, assim, cumpre um papel fundamental para a fluência e a fruição da narrativa: sem desprezar o aspecto "recreativo" da leitura, esta versão ajusta o foco para que o leitor enxergue melhor o caráter político do texto. É claro (com a licença do trocadilho) que isso tudo pressupõe um livro bem escrito, com uma trama envolvente, um enredo bem articulado e, obviamente, uma grande personagem. Em Minha Vida, o líder bolchevique é este lastro de segurança que "ata as duas pontas" da história: tanto como o escritor que domina o ofício, quanto como o "herói" que vive e morre pela revolução. A

propósito, em defesa dessas simultâneas qualidades literárias e revolucionárias de Leon, François Mauriac (Nobel de Literatura, 1952) escreveu a sua versão do "retrato do artista quando Trotsky":

"Literato de nascença, à medida que ele cresce, o adolescente não se torna o pequeno Rastignac que todos conhecemos. Não deseja sequer fazer carreira na revolução e pela revolução. Quer mudar o mundo, simplesmente".

"Rastignac" é personagem da Comédia Humana de Balzac (o escritor preferido de Marx e de Lenin), representando o homem interesseiro, ardiloso, que usa todos meios para atingir seus fins. Leon, abnegado, representa o contrário, sob o olhar de Mauriac: a revolução não foi pretexto para ele satisfazer a "vontade de poder" ególatra; não esteve a serviço da autopromoção; não se prestou ao culto da personalidade. Essa caracterização é corroborada por Victor Serge, um de seus mais importantes biógrafos: "De capacidades pessoais das quais ele não saberia fazer, desde a adolescência, nenhum uso individualista".

Não foram poucos os homens das letras que lamentaram os sacrifícios "pessoais" que teriam impedido o marxista, voltado exclusivamente à luta revolucionária, de dedicar tempo a projetos literários. Um deles é o grande dramaturgo Brecht, que confidenciou: " (...) em 1932, Walter Benjamin é profundamente tocado pela leitura de Minha Vida, e mais tarde Bertolt Brecht

declara diante dele que Trotsky bem poderia ser o maior escritor europeu de seu tempo".

Como mostra o trecho, enfim, a obra que despertou o fascínio desses leitores credenciados é a que está sendo lançada. Em Minha Vida, de fato, o poder de sedução se manifesta nas duas instâncias: na da "enunciação", isto é, no plano da construção do discurso, em que se revela o "escritor"; e na do "enunciado", no plano da história, em que se mostra o "personagem". É interessante observar que, recorrendo ao gênero autobiográfico, é como se Trotsky buscasse, também, uma forma de unidade entre o seu lado "teórico" e o "prático", articulando o "homem de ideias" e o "homem de ação". Aliás, Victor Serge diz na biografia deste complexo personagem, que foi o intelectual que produziu a monumental História da Revolução Russa, e o revolucionário que a protagonizou (ao lado de Lenin), presidindo o Soviete de Petrogrado e dirigindo o Exército Vermelho:

"Trotsky interveio em acontecimentos tão numerosos e importantes durante quarenta e quatro anos, de 1896 a 1940, que sua biografia se confunde muitas vezes com a história de seu tempo. A sua atividade intelectual foi de tal ordem que as suas obras completas ocupariam uns quinze volumes".

Por uma questão de método, consideremos primeiro, ainda que em linhas bem gerais, algumas especificidades desses gêneros discursivos: a "biografia" se propõe focalizar o homem, demarcando o papel do sujeito

individual; a "história" busca retratar os homens, destacando a ação do sujeito coletivo. A iniciativa do livro havia partido do diretor da editora alemã Fischer Verlag, que esteve em Prinkipo, pequena ilha perto de Constantinopla. Foi esse o primeiro refúgio no périplo internacional do revolucionário, feito de expulsões e abrigos precários, até ser acolhido pelo México de Lázaro Cárdenas, onde foi assassinado em 1940.

Leon Trotsky teria certamente preferido naquele momento se dedicar exclusivamente à luta pela organização internacional da oposição de esquerda. Pensou, entretanto, que a autobiografia lhe permitiria continuar a luta política de trinta anos, expor suas razões. É um retrato de seus anos de infância e juventude, de luta pelo socialismo, da tomada do poder pelos bolcheviques, da guerra civil e da burocratização que levou, a termo, ao restabelecimento do capitalismo.

Descreve na obra a interação com os círculos socialistas e operários de Nikolaiev, quando tinha 18 anos, o desenvolvimento de sua carreira de político revolucionário, suas relações com Lenin e com outros dirigentes socialistas, o peso crescente da burocracia que terminaria por tomar o poder. A autobiografia se transformou em um esboço do movimento operário e da Revolução Russa, descrevendo o processo de degeneração da revolução no quadro de derrotas seguidas do movimento comunista europeu com que os soviéticos contavam para romper seu isolamento.

Este livro foi concluído em setembro de 1929. Dez anos mais tarde, o autor seria assassinado no México, por Ramon Mercader, recrutado pela sua própria mãe, a aristocrata espanhola Caridad Mercader del Rio, uma agente do serviço secreto soviético. Hoje sabe-se que sua mãe aguardava Mercader num automóvel perto do local do assassinato para fugirem.

O presente lançamento permite comemorar a obra do autor, que — além do papel na luta pelo socialismo — foi um extraordinário escritor. Seu livro História da Revolução Russa é um clássico, como o são seus livros polêmicos.

"Comemorar" significa "trazer à memória", "lembrar junto": lembremos, pois, que o bolchevique mais importante ao lado de Lenin foi banido da história da Revolução Russa contada pelos stalinistas. Neste centenário, temos um compromisso fundamental com a reabilitação de sua memória, o que dá ensejo à publicação de sua obra.

Em 1986, Paulo Leminski produziu um belíssimo ensaio biográfico sobre ele, denominado Leon Trotsky — A paixão segundo a revolução. Nas primeiras linhas do primeiro capítulo, intitulado "Enquanto os mongóis não vêm", o poeta curitibano escreveu: "Os artistas, dizem, vão mais fundo que os colecionadores de dados e datas. Se você quer entender a Rússia, não perca tempo lendo manuais de história. Comece logo lendo Os Irmãos Karamazov, de Dostoievski". A partir daí, Leminski descreve os fatos da Revolução Russa, a vida de Trotsky, a liderança de Lenin, o papel de Stalin e o destino do povo

russo em uma linha paralela à trama de Dostoievski. A história da Rússia seria a história do embate de distintos princípios, representados pelos irmãos Aliocha, o russo místico, Ivan, o ocidentalista, Dmitri, o selvagem impulsivo, Smerdiakov, o servo oprimido e pelo velho Karamazov, o patriarca tirano. Que fato curioso e revelador! Leminski pretende prestar uma homenagem à genialidade de Dostoievski em representar o espírito humano, mas acaba revelando sua própria sensibilidade e aguda percepção. Claro, essa visão da história russa como uma luta entre "princípios" não é nova e poderia ser objeto de críticas. Mas, no que diz respeito a Trotsky, ele capta o essencial, e o introduz no próprio título do ensaio: paixão! ("Os artistas, dizem, vão mais fundo que os colecionadores de dados e datas..."). Em um simples título, Leminski foi mais fundo do que tantos historiadores!

Não é possível entender Trotsky — o revolucionário, o escritor, o militar, o economista, o administrador — por fora desse sentimento tão humano, tão comum a todos nós. Porque, aliada à uma profunda compreensão racional do processo histórico, a paixão que ardeu no coração de Leon o levou mais longe do que todos os outros revolucionários de sua geração, à exceção, talvez, de Lenin. Aquele que deseja uma biografia ou uma história imparcial, quimicamente pura, melhor fará em colocar o livro de Trotsky de lado e tentar a sorte em uma obra de outro tipo. Como o próprio autor reconhece, esta autobiografia não é um retrato impassível de sua vida. É um capítulo

dela. E a sua vida (de Trotsky), desde a adesão à causa revolucionária, aos 17 anos, até o último minuto, foi uma luta apaixonada.

Minha Vida é uma peça de defesa política de Trotsky. A campanha de calúnias contra o "Trotskysmo" estava em seu auge na URSS, e era preciso contra-atacar. Os fatos relatados, os documentos, os diálogos jamais foram contestados pela pesquisa histórica posterior. Leon sabia que sua melhor defesa seria a simples e pura verdade, porque se defendia não somente perante aquelas acusações específicas, mas perante a história. E a história não perdoaria qualquer falsificação. Isaac Deutscher, seu mais importante biógrafo até hoje, disse sobre este livro: "(...) após um exame minucioso e crítico, continuo achando que Minha Vida, de Trotsky, é tão escrupulosamente verdadeiro quanto a mais verdadeira das obras desse tipo".

Ensaio fotográfico de Leon Trotsky: da câmara obscura para a câmara clara Notas por ocasião do lançamento da autobiografia "Minha Vida", de Leon Trotsky - Usina Editorial, 2017. "NA VÉSPERA DO OUTUBRO EM QUE SE COMEMORA O CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA, A "USINA EDITORIAL" INAUGURA SEUS TRABALHOS COM O LANÇAMENTO DA AUTOBIOGRAFIA "MINHA VIDA", DE LEON TROTSKY. TRADUZIDA POR BORIS VARGAFTIG, A PUBLICAÇÃO CONTA COM MAIS DE 500 NOTAS, PREPARADAS COM RIGOROSA PESQUISA PELO HISTORIADOR HENRIQUE CANARY. (...) A NOVA EDIÇÃO TORNA O TEXTO MAIS ÁGIL, DEIXANDO A LEITURA MAIS SABOROSA: ALÉM DISSO, AS NOTAS EXPLICATIVAS EVITAM QUE MUITAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES SE PERCAM, POR DESCONHECIMENTO DOS DIVERSOS NOMES E FATOS CITADOS AO LONGO DAS MAIS DE 600 PÁGINAS. (...) É CLARO - COM A LICENÇA DO

TROCADILHO - QUE ISSO TUDO PRESSUPÕE UM LIVRO BEM ESCRITO, COM UMA TRAMA ENVOLVENTE, UM

ENREDO BEM ARTICULADO E, OBVIAMENTE, UMA GRANDE PERSONAGEM. EM "MINHA VIDA", TROTSKY É ESTE LASTRO DE SEGURANÇA QUE "ATA AS DUAS PONTAS" DA HISTÓRIA: TANTO COMO O ESCRITOR QUE

DOMINA O OFÍCIO, QUANTO COMO O "HERÓI" QUE VIVE E MORRE PELA REVOLUÇÃO."